profuncionário

Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação

Relações Interpessoais:

abordagem psicológica

Foto: Arquivo Público do Distrito Federal. Título: Vista da Plataforma da Rodoviária.

4

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

3ª edição atualizada e revisada – 2008

profuncionário - Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação / Relações Interpessoais: abordagem psicológica

4

unicef

UNDIME União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

CONSED

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

PNUD

CEAD Centro de Educação a Distância

Universidade de Brasília

Ministério da Educação

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

profuncionário

Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação

Relações Interpessoais:

abordagem psicológica

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

3ª edição atualizada e revisada – 2008

Brasília

Governo Federal

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Básica

Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologias para a Educação Básica

Universidade de Brasília(UnB)

profuncionário

Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.
B823 Relações interpessoais : abordagem psicológica / [Regina Lúcia Sucupira Pedroza]. – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2006.

84 p. il. – (Curso técnico de formação para os funcionários da educação. Profuncionário ; 4)

ISBN 85-8629054-8

1. Psicologia. 2. Escola. 3. Educação. I. Pedroza, Regina Lúcia Sucupira. II. Título. III. Série.

CDU 37:159.9

3ª edição atualizada/revisada - 2008

Apresentação

Neste módulo, eu e você, funcionária e funcionário de escola pública, vamos conversar sobre a importância do conhecimento da psicologia para os educadores nas escolas públicas.

Como observamos nos módulos anteriores, partimos da idéia de que todos os envolvidos no espaço escolar são educadores. Acredito nisso porque entendo que a escola, como um todo, é responsável pelo ensino e pela educação de todos os cidadãos.

Vivemos em uma sociedade que convive o tempo todo com as letras e com os conhecimentos que foram construídos formalmente, principalmente nas escolas. Por isso, acho que a escola é muito importante para nós e, portanto, deve ser pública e gratuita para que todos possam se beneficiar de seus ensinamentos.

Alguns de nós estamos em sala de aula diretamente em contato com os alunos no processo de ensino-aprendizagem, outros não. Mesmo assim, todos estão em constante contato com esse processo que deve ser o objetivo maior da instituição que criamos, a escola. Vale a pena relembrar como a professora Maria Abádia da Silva diferenciou ensino de educação no Módulo II.

Objetivo

Espera-se apresentar ao cursista construções teóricas sobre aspectos do desenvolvimento psicológico que permitam uma reflexão sobre a importância do papel da escola e de todos os atores envolvidos na construção da cidadania. Outra questão importante que será apresentada é como refletir sobre o papel da escola na formação do sujeito.

Ementa

Processo de desenvolvimento humano: infância, adolescência, fase adulta e velhice. Relações e práticas pedagógicas educativas na escola. Relações interpessoais na perspectiva da construção coletiva na educação. Desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Sobre a Autora

Regina Pedroza.

Regina Lucia Sucupira Pedroza é graduada (1988) e possui Licenciatura em Psicologia (1989), Mestrado (1993) e Doutorado (2003) na área de Psicologia Educacional na Universidade de Brasília. É Professora Adjunta 2 do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia(IP) da Universidade de Brasília, desde 1994. Membro Docente do Programa de Pós Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde do IP, UnB. Tem atuação destacada nos seguintes temas: Educação, Formação de Professor, Formação da Personalidade, o Brincar no desenvolvimento humano, Psicanálise e Psicologia. Atualmente é Tutora do Programa de Educação Tutorial(PET), da Psicologia da UnB, desde 2005.

Outras publicações da autora:

"Aprendizagem e Subjetividade: uma construção a partir do brincar". Revista do Departamento de Psicologia (UFF), Vol. 17,2. 2005.

"O professor de ensino médio e a Psicologia em seu cotidiano escolar". Psicologia Escolar e Educacional, Vol. 11,1. 2007. Autoras: Almeida, R.S.; Alves, C.B.; Neves, G.N.; Silva, L.P. & Pedroza, R.L.S.

"Psicologia escolar em Educação Infantil: reflexões de uma atuação". Psicologia Escolar e Educacional, Vol. 9, 2005. Autoras: Yokoy, T. & Pedroza, R.L.S.

Sumário

INTRODUÇÃO -11

UNIDADE 1 – A relação da psicologia com a educação 13

UNIDADE 2 – A psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem 27

UNIDADE 3 – A noção de estágios em psicologia do desenvolvimento 35

UNIDADE 4 – Temas transversais 55

UNIDADE 5 – Contexto social 69

REFERÊNCIAS - 84

Introdução

"Só ensina quem aprende e quem aprende, ensina".
Paulo Freire

Para compreendermos melhor o assunto abordado nessa Unidade devemos refletir sobre algumas questões, como: o que é a Psicologia? Como ela tem contribuído no dia-a-dia escolar? Como poderá ajudar na formação pessoal dos educadores?

O objetivo neste momento é expor alguns pensamentos sobre psicologia e que eles sejam de valia no trabalho de vocês e também na formação como pessoas que atuam no sistema escolar.

Uma das melhores formas para aprender é partir do questionamento a nós mesmos sobre o que iremos estudar. Sendo assim, gostaria de propor que você tente responder às seguintes questões:

O que entendo sobre psicologia?

Por que estudar psicologia neste curso?

Se sou merendeira, secretária, vigia ou auxiliar de serviço por que devo estudar psicologia?

O que é que a psicologia vai me ajudar no meu dia-a-dia?

Comece a fazer anotações e tente responder a essas perguntas. Você vai ver o quanto é interessante escrever o que pensa e depois notar as mudanças que podem ocorrer na forma de abordar os temas.

É importante confrontar seu conhecimento com o que vocês irão entrar em contato neste módulo. Espero que vocês tenham muito prazer em ler as próximas páginas!

1

A relação da psicologia com a educação

1.1 A psicologia como área do conhecimento

Senso comum: saber que construímos ao longo dos tempos por meio de nossas experiências junto com as outras pessoas

Com certeza você já ouviu o termo *psicologia* em diversas situações. Todas as pessoas em geral utilizam "uma psicologia" no seu cotidiano. Na educação dos filhos, em uma conversa com um amigo, quando queremos convencer alguém de alguma coisa. Enfim, todos nós utilizamos o conhecimento acumulado pela psicologia que passou a ser chamado de **senso comum**.

Esse conhecimento é muito importante, entretanto nesta unidade serão apresentadas algumas questões da psicologia estudada pelos psicólogos: sua história, seus problemas, seus desafios e suas contribuições principalmente para nós educadores.

A psicologia passou a ser considerada como ciência em 1879. Costuma-se atribuir essa data como o seu início, pois foi quando se começou a desenvolver os primeiros laboratórios experimentais de pesquisa em psicologia na Europa, principalmente na Alemanha. Assim, encontramos nos livros de psicologia essa data como referência ao surgimento dessa ciência.

Isso não significa que antes não houvesse estudos de psicologia. Até então, ela era considerada um ramo da filosofia. Isto é, o conhecimento sobre o psiquismo humano era construído por meio das idéias de alguns pensadores.

No entanto, as descobertas revolucionárias daquela época, sob a influência do pensamento científico e o surgimento de outras ciências como a sociologia, a antropologia e a fisiologia, criaram a necessidade de se pensar a mente humana de outra forma. A forma experimental a partir do método científico.

Vamos pensar um pouco sobre o conhecimento humano. Mesmo sem ter estudado psicologia, com certeza você já deu respostas para muitas questões formuladas para entender e explicar o que se passa ao seu redor e com você mesmo. Vários são os caminhos e tentativas para as indagações acerca do começo do mundo, da nossa origem, de onde viemos e para onde vamos.

Reflita sobre o que você acha que é a psicologia. Tente pensar como você responderia a esta pergunta. Você pode conversar com alguém que já estudou psicologia, pode procurar no dicionário ou apenas pensar naquilo que você acha. Não se esqueça de anotar essas reflexões no seu memorial!

Quando estou em sala de aula com meus alunos, costumo perguntar o que eles entendem por psicologia e as respostas que aparecem são as mais diversas. As mais freqüentes são:

- estudo da mente;
- análise do comportamento;
- guia para o autoconhecimento humano;
- tratamento de enfermidades psicológicas;
- estudo da alma;
- estudo do homem;
- trabalho profundo com pessoas.

Humm!
blá blá blá

Pense nisso. A questão não está na especificidade de cada trabalho, mas na importância, no valor atribuído a cada um.

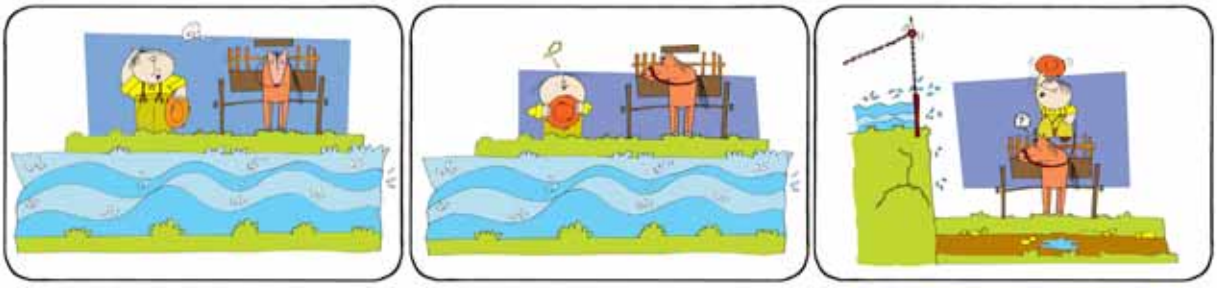
Psicologia e ciência

A ciência como é entendida por muitos, e eu concordo com eles, é um produto social e cultural, e a psicologia, assim como a ciência, se constitui sob a influência dos momentos históricos. Portanto, a psicologia também foi influenciada por todo o processo de mudanças da sociedade.

Em cada época da nossa história, cada sociedade enfrentou seus problemas com novas idéias em busca de respostas, a partir dos seus próprios recursos e de seu modo próprio de ver as coisas.

Houve um tempo em que tudo podia ser explicado pelos deuses que conviviam com homens: o deus do fogo era o fogo; o deus do milho era o milho. Fenômenos naturais, o sol, a lua eram adorados como deuses, e porque a proximidade homem-natureza era total, as explicações eram naturais.

Com a criação de novos instrumentos e da tecnologia, os deuses foram perdendo a função de explicar o mundo e surgiram as explicações ditas científicas, que buscavam as verdades em experimentos que podiam ser verificados a partir da manipulação de variáveis.



Para o filósofo Sócrates, por exemplo, as perguntas estavam centradas no valor que as coisas tinham, se eram boas ou más. Já com o aparecimento do cristianismo as interpretações de doutrinas e de mandamentos fizeram-se cada vez mais urgentes e surge a adoração a um único Deus, situado fora deste mundo.

Por muito tempo as respostas às diferentes indagações do homem foram dadas por meio de mitos. Depois, podemos dizer que a religião e a filosofia se encarregaram de responder a essas perguntas.

Com a construção de novos conhecimentos surge uma nova maneira de se dar soluções para os diferentes problemas enfrentados pelos homens. Aparece a idéia da separação de toda realidade em experiência interna e externa.

IMPORTANTE

Com essa idéia constrói-se um novo pensamento de forma bastante ativa e dominante, a ciência, e dela surge a tecnologia. E assim, temos a ciência moderna que é considerada advinda dos fatos vistos como algo que todos nós podemos observar, identificar e ter em comum. É a busca de uma verdade absoluta, não mais em um Deus, mas em uma verdade que seja única, universal, inquestionável e neutra.

Assim, a ciência professa olhar exclusivamente para o mundo visível. Acreditava-se que o mundo era um sistema mecânico possível de ser descrito objetivamente, sem menção alguma ao observador humano.

Com o passar dos tempos a ciência cria sua própria ideologia, apresentando várias características de uma "nova religião". Muitas vezes, hoje, mesmo nas universidades, ela é ensinada de forma dogmática, como uma verdade revelada, possuindo uma linguagem própria, incompreensível e inatingível.

São verdadeiros mitos da ciência:

- ***só o conhecimento científico é verdadeiro e real;***
- ***o que pode ser expresso em termos quantitativo e coerente é objeto de conhecimento científico;***
- ***a ciência e a tecnologia dela advinda, é que pode resolver os problemas do homem;***
- ***somente os "especialistas" são qualificados para tomar decisões, porque apenas eles detêm o saber.***

No entanto, muitos são os críticos dessa visão de ciência. Concordo com eles e acredito que o mito dessa verdade absoluta

somente será contestado quando houver a conscientização de que a realidade não é uma natureza virgem em que o homem é o desbravador, mas sim que ela é um produto da história dos homens. A ciência constitui-se e afirma-se de uma prática social, ideologicamente marcada.

Vamos refletir um pouco sobre tudo isso? Como você entende as diferentes maneiras de responder as perguntas sobre o mundo e sobre nós mesmos? Como você se posiciona frente ao conhecimento científico? Você questiona o que é dito, por exemplo, na televisão, como sendo verdades científicas? Anote no seu memorial suas idéias sobre tudo isso.

Psicologia e senso comum

O senso comum, ao lado do saber religioso, da arte e do saber científico, participa da construção da nossa concepção do mundo. São saberes diferentes, mas são todos construídos em um determinado tempo, em uma determinada cultura.

Nesse contexto, a psicologia também procurou o modelo de cientificidade criado nas ciências como a matemática e a física. O homem passou a ser visto como um fenômeno igual a outro qualquer, sem ser levada em consideração a cultura na qual está inserido.

Os cientistas da época estavam muito preocupados em medir e quantificar. A psicologia teve inicialmente como objeto de estudo os problemas relacionados à sensação e à percepção que podiam ser medidos e quantificados.

Ao mesmo tempo em que a psicologia se desenvolvia na Alemanha, em outros países como a Inglaterra e a França também eram realizados estudos com interesse pela medida, principalmente em relação às diferenças individuais. Esse interesse fazia parte de um projeto de melhor adaptar os mais capazes às necessidades da nova sociedade.

A psicologia nasce, portanto, com uma demanda de prover conceitos e instrumentos "científicos" de medida, que possibilitassem a adaptação dos indivíduos às novas condições de trabalho geradas pela sociedade industrial capitalista.

É nesse contexto que surgem os primeiros estudos com finalidade de orientação e seleção escolar e profissional, por meio da medida das faculdades mentais.

Uma das principais atividades dos psicólogos no início do século passado era exatamente a utilização da escala métrica para classificar indivíduos. A mais conhecida foi criada na França para medir a inteligência infantil e é conhecida como Teste de QI.

Nas escolas, portanto, a primeira função desempenhada pelos psicólogos foi a mensuração das habilidades e a classificação das crianças quanto à capacidade de aprender e de progredir nos estudos.

IMPORTANTE

Vamos pesquisar:

- ***Você já respondeu a algum teste de psicologia?***
- ***Procure saber com os professores na sua escola se eles aplicam algum tipo de teste em seus alunos.***
- ***Pergunte, também, o que eles acham dos testes e se eles realmente medem aquilo que se propõem a medir.***
- ***Registre as respostas no seu memorial.***

PRATIQUE

O que podemos concluir é que a psicologia, muitas vezes por pretender tornar-se uma ciência, praticamente deixa de ser humana. E palavras como subjetividade, inconsciente, emoção e afeto são recusadas pela psicologia científica que diz ser apenas o comportamento observável o seu objeto de estudo.

A concepção de homem que o teórico traz consigo influencia na sua definição do objeto de estudo da psicologia.

A partir de vários estudiosos da psicologia, quero propor a seguinte definição: a psicologia é a ciência que estuda o ser humano concreto em todas as suas expressões como com-

portamento e sentimentos construídos a partir das relações sociais, das vivências individuais e da constituição biológica.

Entendemos que a concepção do que é o ser humano não é dado desde o nascimento, ou seja, não é inato ao indivíduo. Ele constrói o seu ser aos poucos, apropriando-se do material do mundo social e cultural, ao mesmo tempo em que atua sobre este mundo, ou seja, é ativo na sua construção e modificação.

Agora é importante revermos resumidamente o que foi dito até aqui:

- ***Todos nós fazemos parte da escola e, portanto, temos de assumir o papel de educadores.***
- ***Existem vários tipos de conhecimento: senso comum, ciência, filosofia, religião e arte.***
- ***A ciência é um processo de construção de conhecimento cumulativo que pretende ser objetivo e geral.***
- ***A psicologia está presente em nosso dia-a-dia de diferentes maneiras, mas o que vamos estudar neste módulo é a psicologia científica.***
- ***Não é fácil definir o que seja a psicologia. O importante é que ela considere o ser humano na sua constituição biológica, social e cultural.***

1.2 As grandes polêmicas da psicologia

Podemos dizer que uma das grandes polêmicas da psicologia é tentar defini-la. A forma de abordar o objeto da psicologia depende da concepção de homem adotada por cada estudioso da psicologia.

Podemos dizer também que atualmente existem diferentes escolas psicológicas que acabam formulando um conhecimento fragmentado de uma única e mesma totalidade que é o ser humano.

Isso ocorre tanto no que diz respeito aos seus aspectos internos, como aos sentimentos e desejos, quanto às suas manifestações comportamentais.

A superação desse problema da fragmentação está na busca de uma visão crítica de ciência que leve a uma psicologia que conceba o homem como ser concreto e multideterminado.

Algumas dessas escolas consideram a psicologia pertencente ao campo das ciências do comportamento, outras das ciências sociais e, ainda, outras das ciências biológicas.

Essas diferenças entre as escolas nos remetem ao problema da relação entre o biológico e o social no ser humano, que é um reflexo da concepção dualista do homem.

O homem é visto na sua formação puramente biológica ou na sua formação social. A dificuldade está em concebermos as coisas na sua unidade. Existe uma lógica que nos é ensinada de que as coisas são ou não são.

Mas existe uma outra maneira de entendermos o mundo que é vendo-o como sendo e não sendo ao mesmo tempo. Essa outra forma de entender o mundo é chamada de dialética, a qual permite a construção de um conhecimento que dê conta da realidade em toda a sua complexidade, com seus elementos contraditórios e em suas permanentes transformações.

Sendo assim, o mundo é visto sempre em movimento e em constante mudança. O que também é válido para entendermos o homem que é visto como um ser ao mesmo tempo biológico e social; um ser ao mesmo tempo individual e cultural; um ser ao mesmo tempo racional e emocional. E deve ser entendido em suas condições concretas, que são, ao mesmo tempo, subjetivas e objetivas.

Quando separamos, dividimos o homem, chega-se, em muitos casos, a tentativas de interpretações biológicas de fenômenos sociais, sem levar em consideração que esses fenômenos têm uma história antiga e pode-se chegar a conclusões sociais e políticas de caráter reacionário.

O organismo humano nasce, forma-se e desenvolve-se segundo leis biológicas socialmente modificadas. Portanto, o homem deve ser estudado de forma mais abrangente tendo-se em vista todos os campos do conhecimento, por exemplo: a história, a antropologia, a economia, etc.

Devemos, então, ficar atentos aos diferentes saberes para podermos entender nosso objeto de estudo, o homem, que como toda realidade está em permanente movimento e em transformação. E sempre novas perguntas surgirão a cada dia, colocando novos desafios para a psicologia. E como diz o ditado: "Mente é como pára-quedas: melhor aberta".

Desde seu nascimento como ciência, a psicologia sofre a influência de diferentes campos do conhecimento. As três mais importantes tendências teóricas consideradas por muitos autores, na psicologia, são: o Behaviorismo (comportamentalismo), às vezes conhecida como a psicologia "dos ratinhos" por causa dos estudos feitos em laboratórios com esses animais; a Gestalt que nasce com a preocupação de se compreender o homem como uma totalidade; e a Psicanálise, talvez a mais difundida no senso comum por causa das idéias de Sigmund Freud, principalmente às relacionadas à teoria da sexualidade infantil.

SAIBA MAIS

Marxismo é o conjunto das idéias filosóficas, econômicas, políticas e sociais que Karl Marx e Friedrich Engels elaboraram, que interpreta a vida social conforme a dinâmica da luta de classes e prevê a transformação das sociedades de acordo com as leis do desenvolvimento histórico de seu sistema produtivo.

Essas são as teorias mais reconhecidas no Ocidente. Mas nos anos de 1920, sob o regime da ex-União Soviética, nos países do leste europeu, nascia também uma psicologia que buscava compreender o homem na sua totalidade que ficou conhecida como Teoria Sócio-Histórica. Essa teoria, fundamentada no **marxismo,** só ganhou importância no Ocidente nos anos 1970 e no Brasil apenas nos anos 1980.

Lev Vigotski

O principal representante dessa teoria foi o russo **Lev Vigotski** que buscou estudar o homem e seu mundo psíquico como uma construção histórica e social da humanidade.

SAIBA MAIS

Lev Vigotski (1896-1934) cursou medicina e também se formou em direito, história e filosofia. Seu principal interesse na psicologia foi o estudo das funções psicológicas, ditas superiores que surgem, no homem, a partir da linguagem. Suas obras influenciaram vários teóricos de áreas como a educação, a neurociência, a lingüística, entre outras.

Para ele, o mundo psíquico que temos hoje não foi nem será sempre assim, pois sua caracterização está diretamente ligada ao mundo material e às formas de vida que os homens vão construindo no decorrer da história da humanidade.

Henri Wallon

Além de Vigotski, outros psicólogos também se valeram das idéias de Marx para pensar a psicologia. Um deles foi o francês **Henri Wallon** que por defender essas mesmas idéias foi pouco difundido aqui no Brasil.

Nesse curso, iremos trabalhar principalmente com as teorias de Vigotski e de Wallon por considerarmos os mais importantes entre os que marcaram as origens da psicologia moderna.

A grande contribuição deles está no fato de terem fundado uma psicologia científica, assegurando uma conexão com outras disciplinas, em um contexto de interdisciplinaridade.

Suas teorias permitem que o homem moderno possa compreender a si mesmo, a partir da imagem de sua própria infância, pois suas concepções teóricas levam ao conhecimento da criança e do adulto, sendo o conhecimento do segundo adquirido por meio do conhecimento da criança.

Com essas teorias podemos concluir que:

- As relações entre o homem e o meio em que ele vive estão sempre se enriquecendo pelo fato de o meio não ser constante.
- Ao transformar suas condições de vida, o homem transforma-se a si próprio.
- A saída para o impasse da dualidade entre o ser biológico e o social é o método materialista dialético.
- O homem é um ser biológico, psicológico e social que se desenvolve na natureza.
- A dialética dá à psicologia o seu equilíbrio e a sua significação ao mostrar simultaneamente ser uma ciência da natureza e uma ciência do homem.

Henri Wallon (1879-1962) nasceu e viveu em Paris. Teve uma formação em filosofia, medicina e psiquiatria, antes de se voltar para os estudos de psicologia. Sua grande contribuição para a psicologia é a sua concepção da emoção como sendo o motor inicial do desenvolvimento da pessoa. Sua preocupação com a educação está presente em todas as suas obras e defendia a interligação da psicologia com a pedagogia.

Faça um exercício de memória. Tente lembrar do que você leu até aqui e escreva, no seu memorial, com suas palavras, o que achou mais importante.

1.3 Psicologia e Educação

Depois de todas essas considerações, vamos falar agora da relação da psicologia com a educação. A psicologia é solicitada a intervir na solução de problemas bastante variados. Mesmo que esteja sempre encontrando resistências e oposições, ela tem contribuído em diferentes domínios, sendo o da educação um deles.

Voltamos a destacar a importância da escola. É preciso entendê-la como um meio transformador e questionador da sociedade e reconhecer sua dimensão progressista. E também é fundamental vê-la como sendo um meio constituidor para o aluno onde todo o seu cotidiano gira em função dela.

Sendo assim, devemos destacar a responsabilidade da escola para com o aluno, ressaltando a necessidade do interesse que o educador deve ter pela vida do aluno como um todo, fazendo com que a escola passe a ter sentido na vida dele.

Desenvolvimento e educação são complementares e a atividade exercida por todos educadores é de extrema importância. A escola tem de se dirigir ao aluno de maneira que possa atingir toda sua personalidade, respeitando e estimulando sua espontaneidade total de ação e de assimilação.

Para tal, é necessário ter uma formação também psicológica, a fim de melhor compreender a natureza e o desenvolvimento dos alunos de suas escolas e poder agir verdadeiramente como educador.

Não quero dizer que sabendo psicologia vamos entender e resolver tudo a nossa volta. Mas, pode ajudar a compreender melhor algumas atitudes dos alunos ou mesmo de um colega de trabalho.

Com certeza, você já entendeu o porquê de uma briga entre dois alunos na fila para pegar a merenda. E outras vezes, talvez, achou que os empurrões no recreio são por falta de educação.

As relações entre a psicologia e a educação, apesar de parecerem óbvias, são complexas e envolvem vários aspectos, tanto concordantes como de oposição. Tendo como alvo comum a criança, a psicologia e a educação têm discutido desde há muito tempo os processos de desenvolvimento e os de aprendizagem.

Assim, a influência da psicologia sobre a educação é reconhecida. No entanto, a posição da psicologia na relação com a pedagogia tem sido muitas vezes de autoridade, ultrapassando os limites da competência.

Por outro lado, percebe-se a grande procura de respostas, por parte da educação, em diversas áreas, para dar conta da complexidade do fenômeno educativo. Por exemplo, em relação ao comportamento dos alunos em sala de aula, os sérios problemas relacionados à violência e à falta de motivação.

O importante é considerar a relação entre a psicologia e a educação como sendo de complementaridade, de construção, para avançar no entendimento desses dois campos do conhecimento.

Não é função da psicologia ditar normas para a educação, como também não é a educação uma aplicação da psicologia. O que se faz necessário, no entanto, é um maior conhecimento do desenvolvimento da pessoa do aluno na instituição escolar.

Com isso, podemos buscar soluções mais produtivas para essas questões e tantas outras, que você conhece tão bem no seu contato diário com os alunos no ambiente escolar.

Pense um pouco:
Como você trabalha na escola? Quais as tarefas que você desenvolve no seu dia-a-dia?
A psicologia poderia lhe ajudar a realizar essas tarefas de outro modo?
Os ensinamentos da psicologia poderiam lhe ajudar a ser mais feliz no seu cotidiano?
Faz sentido pensar em aspectos do desenvolvimento dos alunos? E quanto ao seu próprio desenvolvimento?
Faça suas anotações no seu memorial!

O objetivo é proporcionar a você uma visão do desenvolvimento da pessoa a partir de algumas concepções teóricas, e que você possa levar em conta tudo isso quando estiver no seu trabalho.

Procure ler muitas outras fontes além do que se propõe neste curso. Uma revista em quadrinhos, um romance, um livro infantil, uma poesia ou apreciar um livro de pinturas ou contemplar a natureza. Tudo isso enriquece nosso conhecimento e desenvolve a nossa sensibilidade. Você pode verificar na biblioteca da sua escola quais os livros do seu interesse. Um educador com diferentes conhecimentos sente-se mais preparado e seguro na sua tarefa de educar os alunos.

PRATIQUE

1. Descreva uma situação em que você acha que usou o conhecimento da psicologia. Essa psicologia é do senso comum ou do conhecimento científico?

2. Qual seria a diferença entre senso comum e conhecimento científico?

3. Faça o seu resumo do que foi apresentado até aqui.

4. O que você achou de mais interessante no que foi exposto nesta unidade?

5. Sugestão de pesquisa: entreviste uma pedagoga, pergunte como os conhecimentos de psicologia ajudam no cotidiano dela como educadora.

2

A psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem

2.1 A relação entre desenvolvimento e aprendizagem

Ao desenvolver um trabalho com 68 professoras do ensino fundamental, perguntei como elas viam a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Obtive muitas respostas diferentes e interessantes e vou fazer a mesma pergunta a você.

Antes de prosseguir, pense um pouco sobre essa relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Como você acha que eles se relacionam, ou não se relacionam? Depois de refletir, anote a resposta no seu memorial.

Veja o que aquelas professoras responderam e compare com suas respostas. O próximo passo é descobrir o que os teóricos da psicologia dizem.

Para a maioria, a relação entre desenvolvimento e aprendizagem é de dependência, as duas caminham juntas; é uma relação de reciprocidade; o aluno só se desenvolve quando aprende.

Algumas professoras apresentaram a opinião de que o desenvolvimento ocorre primeiro, sendo condição necessária para que haja aprendizado. Ou seja, primeiro a pessoa se desenvolve para depois aprender.

Outras professoras responderam dizendo que as crianças "têm muito a aprender e a ensinar, e a relação deve ser de cumplicidade, ajuda e humildade". Também apareceram respostas que diziam "que é por meio da aprendizagem que o ser humano desenvolve suas aptidões".

Outras duas respostas remeteram à ação do professor: "se dá principalmente por meio de experiências e das oportunidades que o professor procura apresentar aos alunos e vice-versa; a valorização das experiências da professora e principalmente dos alunos".

E então, o que você acha dessas respostas?
O que você havia respondido? Suas respostas são parecidas com essas?
Compare as suas respostas com as dessas professoras e registre suas respostas no memorial.
Agora vamos passar a analisar o que os teóricos da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem dizem dessa relação.

2.2 Diferentes concepções de desenvolvimento e de aprendizagem

Na psicologia vamos encontrar diferentes concepções sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Vigotski nos apresenta as concepções mais importantes agrupadas em três grandes posições teóricas.

A primeira postula que os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado. Isto porque o aprendizado é visto como um processo externo que segue o caminho do desenvolvimento, ou seja, o aprendizado se vale dos avanços do desenvolvimento sem fornecer um impulso para modificá-lo.

IMPORTANTE

Só pode haver aprendizado quando o desenvolvimento chega ao ponto mínimo, o qual torna possível o aprendizado, isto é, o desenvolvimento precede o aprendizado. Em outras palavras, para aprender alguma coisa, a pessoa tem de ter desenvolvido algumas condições anteriormente.

A segunda posição parte do princípio de que aprendizado é desenvolvimento. O processo de aprendizado é reduzido à formação de hábitos, identificando-o com o do desenvolvimento. O princípio fundamental é a simultaneidade entre os dois processos, ou seja, desenvolver é aprender novos comportamentos, isto é, aprender é aumentar o repertório comportamental.

A terceira concepção teórica apresentada por Vigotski é a que tenta superar os extremos das outras duas a partir da combinação dos seus pontos de vista. Embora os dois processos sejam vistos como relacionados, eles são diferentes e cada um influencia o outro.

Podemos representar essa concepção dizendo que o desenvolvimento é sempre um conjunto maior que o aprendizado, não havendo, portanto, coincidência entre os dois conceitos.

Vigotski rejeita essas três concepções teóricas e propõe uma outra solução para essa relação. Para ele, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança, portanto, muito antes de ela freqüentar a escola.

O aprendizado escolar, no entanto, produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança. Ele propõe que se veja o desenvolvimento em dois níveis diferentes.

O primeiro é o Nível de Desenvolvimento Real, ou seja, o que a pessoa já é capaz de realizar sozinha e o segundo é o Nível de Desenvolvimento Potencial, que é determinado pela realização de qualquer tarefa com a ajuda de uma outra pessoa.

A distância entre o Nível de Desenvolvimento Real e o Nível de Desenvolvimento Potencial foi chamada por Vigotski como sendo Zona de Desenvolvimento Proximal.

Vamos pensar sobre isso na prática:

Se eu perguntar a você o seguinte: uma criança de oito meses já anda? Provavelmente você me dirá que não (a não ser que essa criança seja muito diferente das outras!). Mas se eu agora perguntar: se alguém pegar nas mãos dessa mesma criança de oito meses, ela consegue andar? Talvez você me responda que sim. E aí, eu insisto na minha pergunta: a criança de oito meses anda ou não anda?

Com certeza vou criar uma situação difícil para você. Pois é isso mesmo. A nossa criança de oito meses ainda não anda sozinha, mas com ajuda ela anda. E mais ainda, ela já pode ficar em pé sozinha ou com apoio.

Ficar em pé com apoio é, neste caso, o Nível de Desenvolvimento Real. Andar com ajuda é o Nível de Desenvolvimento Potencial. Isso acontece também com a gente, os adultos, pois estamos sempre em desenvolvimento porque aprendemos constantemente.

O que Vigotski propõe, então, é que vejamos o desenvolvimento como um potencial e que a ajuda de um outro, leva ao desenvolvimento da pessoa. Ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que operam quando a pessoa interage com outras pessoas do seu ambiente e com a ajuda de seus companheiros.

Nessa posição teórica, aprendizado não é desenvolvimento. O desenvolvimento vem de forma mais lenta, após o aprendizado. Podemos dizer, então, que é o aprendizado que puxa o desenvolvimento.

IMPORTANTE

Você pode pensar em outros exemplos que possam ilustrar os dois níveis de desenvolvimento? Anote em seu memorial!

PRATIQUE

O que achou dessas posições teóricas? E agora, como você acha que se dá realmente o desenvolvimento e a aprendizagem? Não se esqueça de anotar suas respostas no memorial.

Você percebeu que há na psicologia diferentes maneiras de entender esses processos de desenvolvimento e aprendizagem. Particularmente, considero que a visão de Vigotski explicita de forma mais completa e complexa os processos de desenvolvimento e de aprendizagem, de constituição do indivíduo e da construção do conhecimento.

Sua grande contribuição é mostrar que aprendemos e nos desenvolvemos sempre em relação com as pessoas em nossa volta. Daí a importância do educador interagir sempre com o outro, ou seja, para ensinar alguma coisa é preciso estar junto com o outro, ajudando-o.

O que Vigotski propõe, então, é que o educador busque atuar na Zona Proximal de Desenvolvimento, ou seja, a educação tem de partir daquilo que o aluno já atingiu (o desenvolvimento real) buscando concretizar aquilo que ele apresenta como potencial (o desenvolvimento potencial). Muitas vezes, o que fazemos é ensinar aquilo que o aluno já sabe ou ainda está longe de poder aprender.

É sempre bom lembrar de anotar no seu memorial, pois é importante fazer o registro das informações que pensamos, e depois, ao ler novamente, podemos resignificá-las.

2.3 Discussões na psicologia do desenvolvimento

- **Corpo/Mente**
- **Inato/Aprendido**
- **Indivíduo/Social**

SAIBA MAIS

Um bom filme para você assistir é A guerra do fogo. Direção de Jean-Jacques Annaud (França/Canadá, 1981). O filme retrata o desenvolvimento do homem no momento em que descobre e conquista o fogo. Você pode assistir junto com seu grupo do curso e depois discutir ressaltando como as mudanças de vida decorrentes desta conquista vão alterando as possibilidades de ser do homem.

A psicologia do desenvolvimento estuda diferentes aspectos da evolução do ser humano. Os psicólogos do desenvolvimento interessam-se pelo crescimento da estrutura física, do comportamento e do funcionamento da mente.

Influenciados pela busca da medida, os psicólogos consideram o crescimento do corpo e da mente muitas vezes apenas como um contínuo progresso puramente quantitativo. Ou seja, da mesma forma que a criança adiciona centímetros na sua altura, ela também adiciona quantidade equivalente de inteligência. Daí se fala em idade intelectual. Provavelmente você já ouviu alguém dizer que uma criança de dez anos tem "problemas mentais" porque a idade intelectual dela é de cinco, por exemplo. Essa visão parte do princípio de que o desenvolvimento é um processo contínuo e ordenado.

Dessa forma, o ser humano se desenvolve segundo uma seqüência regular e constante, de maneira que a etapa que vem antes influencia a que vem depois sem possibilidade de mudanças nessa seqüência. E mesmo admitindo-se que cada indivíduo tenha seu próprio ritmo de desenvolvimento, esse ritmo é concebido como sendo constante. Ou seja, com essa concepção é negada ao indivíduo a possibilidade de mudança na maneira de ser.

O que estamos propondo neste curso é uma visão do desenvolvimento que parte do princípio de que o desenvolvimento é um processo descontínuo, desordenado e acontece em saltos. Isso significa que o indivíduo não está programado desde a sua concepção para ser de uma determinada maneira.

É importante que você leve em consideração que estamos apresentando uma maneira de ver o desenvolvimento e que não significa que seja a verdadeira, nem a melhor!

Além das diferenças de cada um, é preciso entender que o que consideramos hoje como infância, adolescência e velhice são "invenções" sócio-culturais relativamente recentes.

Durante séculos, as crianças foram consideradas como adultos em miniaturas. Na Idade Média, a partir dos sete anos as crianças começavam a aprender um ofício sob a tutela de um adulto, passando a ter responsabilidades próximas às dos adultos. Além das responsabilidades, elas participavam de todas as atividades do adulto como, trabalho, lazer, festas etc.

Tempos depois, movimentos culturais e religiosos deram lugar ao descobrimento da infância como uma etapa diferente da idade adulta e o tratamento tornou-se diferenciado. Isso significou que a criança deixou de ser vista como um adulto incompleto guardando em si tudo aquilo que ela seria na fase adulta. Deixa de ser vista como um adulto em miniatura.

A partir do século XIX começa a luta pela liberação das crianças da realização de trabalhos pesados. Existem descrições dramáticas das condições de vida das crianças inglesas, nos anos de 1800, que tinham jornadas de trabalho de doze horas, realizando duros trabalhos em fábricas e minas.

E por aqui no Brasil, século XXI, como estão nossas crianças? Será que elas estão liberadas dos trabalhos pesados? Você conhece alguma criança que tenha de trabalhar e não possa ir à escola ou brincar?

Em relação ao conceito de adolescência, esse só aparece no século XX quando a criança não passa a ser um adulto de forma direta. A passagem à condição de adulto vai acontecendo progressivamente e o nascimento da adolescência surge como uma época diferenciada tanto da infância como da idade adulta. Resumindo, podemos dizer que:

- ***os processos de desenvolvimento e de aprendizagem estão relacionados;***
- ***a relação entre esses processos é explicada de forma diferente pelas teorias psicológicas;***
- ***a definição de desenvolvimento que enfatizamos aqui é a de que o desenvolvimento é um processo descontínuo, marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas.***

Sugestão de atividade. Peça a quatro professores que respondam, por escrito, em dez linhas, no máximo, à seguinte pergunta: o que você entende por aprendizagem e desenvolvimento? Cole ou transcreva as respostas no memorial e faça o seu comentário, aplicando um pouco do que você aprendeu até aqui.

PRATIQUE

3

A noção de estágios em psicologia do desenvolvimento

3.1 Ciclo da vida: infância, adolescência, fase adulta e velhice como construções culturais.

O conceito de estágio ou etapa tem as suas origens nas noções de idade, de era, de época, de período que são usadas pela humanidade há muitos anos e se conservam até hoje.

Encontramos essas divisões quando falamos da formação do universo ou simplesmente quando dividimos o tempo em dias, meses, estações do ano, anos, séculos, etc., ou mesmo quando nos referimos ao tempo de plantio, de colheita. Todas essas classificações são criadas pela constância observada nas mudanças e na evolução dos seres e das coisas.

Só bem mais tarde é que aparece a aplicação da noção de idade aos diferentes momentos da vida de um indivíduo e está ligada aos domínios da educação, da transmissão das técnicas e da cultura social para as novas gerações.

É fácil constatarmos que cada homem nasce, se desenvolve durante um certo tempo, estabiliza e depois declina e morre. Da mesma maneira, verificamos isso no nascimento e na morte de outros seres vivos e sobre todo tipo de transformações na natureza, por exemplo, as plantas. No entanto, esse ciclo de vida no homem, como visto anteriormente, não se dá numa mesma forma linear e contínua.

A divisão em etapas diferentes está certamente ligada às necessidades educativas daquilo que devemos aprender para melhor nos adaptarmos à vida. Também encontramos divisões de etapas na história, na geologia e na sociologia, por exemplo.

Karl Heinrich Marx foi considerado um dos fundadores da Sociologia.

Temos com **Karl Marx** a descrição dos estágios da evolução da sociedade, cujas formas sucessivas são caracterizadas cada uma por um modo específico de produção: modo antigo, modo escravagista, modo feudal, modo capitalista e modo socialista.

A noção de estágio ou de etapa apresenta uma utilização muito ampla, aplicando-se a domínios numerosos e diferentes. O que existe de comum entre eles é que todos representam os fenômenos que mudam, que se transformam e que se desenvolvem. A noção de estágio está ligada à do "devir", ou seja, ao que vai vir a ser.

Para saber mais sobre as teorias revolucionárias de Karl Marx, você pode ler o livro O Capital, uma crítica ao capitalismo e a sua economia política. Muitos consideram essa obra a origem do pensamento socialista marxista

A psicologia da criança, que se desenvolveu sob a influência das idéias da evolução, não escapou dos debates entre a continuidade ou descontinuidade do desenvolvimento e também divide esse desenvolvimento em estágios como vamos ver mais adiante.

IMPORTANTE

Como vimos anteriormente, a aprendizagem é um processo que está interligado com o de desenvolvimento da pessoa. Sendo assim, a educação na escola deve proporcionar ao aluno experiências pessoais que promovam o seu desenvolvimento intelectual.

A tarefa do educador é, pois, de orientar, de regular e de organizar o meio sócio-educativo, ou seja, ele deve atuar em todos os ambientes da escola como um facilitador da sua própria interação com os alunos e das relações que se estabelecem entre eles. Com certeza você já faz isso no seu dia-a-dia quando busca conhecer um aluno e o ajuda no espaço da escola.

Podemos usar como exemplo a seguinte situação:

Em uma ocasião, presenciei uma briga entre dois meninos de oito anos do ensino fundamental e observei a intervenção da Dona Joana, que fazia a limpeza na escola, para fazê-los parar de brigar. Dona Joana aproximou-se dos meninos e disse que eles tinham de se entender sem brigar.

Após conversar com os dois, e cada um dizia que era culpa do outro, Dona Joana, tranqüilamente apenas disse que não queria saber de quem era a culpa. Se os dois estavam brigando, então os dois tinham de parar. Os meninos pararam e cada um foi para o seu lado.

Vamos pensar um pouco sobre o que aconteceu. O que Dona Joana fez foi criar um espaço de conversa, tranqüilo sem provocar mais ainda o conflito entre os meninos de modo que eles pudessem se acalmar e ver que os dois tinham de parar de brigar, sem culpar nenhum dos dois.

Talvez você já tenha passado muitas vezes por uma situação como essa e resolveu a situação mesmo sem ter tido antes nenhum conhecimento de alguma teoria de psicologia.

Poderíamos dizer que Dona Joana fez o que algumas teorias propõem que é resolver os conflitos a partir do diálogo, nesse caso, mesmo sem conhecer a teoria.

O importante é poder contar com um conhecimento a mais para refletirmos a nossa prática e buscar fazer dessa prática uma ação que seja educativa, que leve o outro, no caso o aluno, ao seu desenvolvimento intelectual e pessoal.

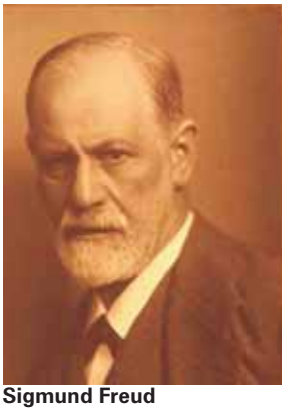
Sigmundo Freud (1856-1939) nasceu na Áustria. Formou-se em medicina em Viena e logo depois foi para Paris para estudar neurologia. Mais tarde, Freud criou seu método, chamado Psicanálise que é composto de três técnicas: associação livre, análise dos sonhos e análise dos atos falhos. Freud pedia a seus pacientes que, durante a análise, se deitassem num divã e relaxassem e falassem tudo que passasse na cabeça. Enquanto o paciente falava, ele permanecia sentado atrás do divã, em silêncio, fazendo anotações de modo a deixar o paciente livre para expor seus pensamentos. A sua tarefa, e a dos psicanalistas hoje, era ajudar o paciente a compreender quantos fatores do passado têm estado regulando seu comportamento presente. Os escritos de Freud demonstraram a importância dos impulsos sexual e agressivo. Sua teoria difundiu-se por todo o mundo, mesmo antes de sua morte em Londres, onde havia se refugiado por causa da invasão dos nazistas na Áustria. A influência de Freud tem sido notável, não só na medicina e na psicologia, mas também na educação e em outros setores da atividade humana.

Muito tem sido exigido dos educadores e poucos têm sido os recursos fornecidos para que possam, efetivamente, desenvolver tudo que é pedido. Muitas vezes, espera-se que os funcionários cumpram com todos os seus serviços da melhor maneira possível sem serem dadas as condições necessárias para tal.

Sendo assim, espero que o que estamos dizendo aqui, possa, entre outras coisas, possibilitar um conhecimento sobre como se dá o processo de desenvolvimento humano para que você possa se relacionar melhor com os alunos e com os colegas de trabalho.

Como vimos antes, existem várias teorias do desenvolvimento na psicologia. Possivelmente, você já ouviu falar de Freud e Piaget. Esses, sem dúvida, são os teóricos mais conhecidos da psicologia do desenvolvimento.

A PSICANÁLISE DE FREUD


Sigmund Freud

Sigmund Freud *é mais conhecido pela sua teoria do desenvolvimento da sexualidade. Muitas são as pessoas que dizem que para ele tudo "é sexo". Mas, não é isso. A sua grande contribuição é mostrar que o homem tem um desenvolvimento sexual ao longo da sua vida que é determinado pela cultura em que está inserido.*

Para Freud, a sexualidade no homem não é apenas dada pelo desenvolvimento biológico, mas é formada, principalmente, por uma energia que ele chamou

de libido, que é motor de busca de satisfação de nossos desejos.

O que foi bastante revolucionário na sua teoria, foi o fato de ter mostrado que o impulso sexual já se manifesta no bebê e tende a uma definição de escolha da atividade sexual no adulto. Em um dos seus escritos mais importante, *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), Freud descreveu a seqüência típica das manifestações do impulso sexual, distinguindo cinco fases do seu desenvolvimento: oral, anal, fálica, latência e genital.

Poderíamos apontar muitas outras contribuições da psicanálise, mas talvez o que nos interessa no momento é sabermos que não temos conhecimento total da nossa consciência, pois ela se encontra dividida em: consciente, pré-consciente e inconsciente.

Isso significa que todos os nossos atos, mesmo aqueles aparentemente praticados por acaso, estão relacionados a uma série de causas, das quais nem sempre temos consciência. Foi Freud que tentou explicar porque dizemos coisas que não queríamos dizer.

Por exemplo, pode acontecer de uma pessoa dar os parabéns a uma mulher no velório de seu marido no lugar de dar os pêsames. Esse fato parece anedota, mas acontecem fatos desse tipo com todos nós, não é mesmo? Tente lembrar se você, por exemplo, já trocou o nome de alguém? Segundo Freud, isso acontece porque algum motivo que desconhecemos que está no nosso inconsciente e não temos controle dele, assim nos faz cometer esses atos falhos.

Jean Piaget

A TEORIA DE PIAGET

Jean Piaget é outro dos teóricos de muita relevância no cenário da psicologia do desenvolvimento. Seus trabalhos são reconhecidos no mundo todo e sua contribuição para educação é considerada como essencial.

A partir dos estudos com crianças, principalmente observando sistematicamente o

Jean Piaget (1896-1980) nasceu na suíça, formou-se em ciências naturais e tinha muito conhecimento em sociologia, religião e filosofia. Interessou-se pelo estudo de como o conhecimento é obtido (epistemologia) e depois entrou no campo da psicologia. Trabalhou em Paris no laboratório de Binet que foi quem desenvolveu os primeiros testes de inteligência. Publicou vários livros e artigos sobre o desenvolvimento cognitivo da criança. Para Piaget, a habilidade de pensar resulta de uma base fisiológica e da interação com o meio social. A ação do sujeito na busca da adaptação, ou seja, na busca de solucionar desafios, possibilitam a construção do conhecimento e o desenvolvimento mental. Embora não tenha deixado um método pedagógico, a teoria de Piaget tem sido referência para a prática didática dos educadores, principalmente na elaboração dos conteúdos programáticos nos currículos escolares.

comportamento dos seus filhos, ele elaborou uma teoria que revolucionou a compreensão do desenvolvimento intelectual. Sua teoria explica o desenvolvimento mental do ser humano no campo do pensamento, da linguagem e da afetividade.

Na sua proposta teórica, o desenvolvimento cognitivo é explicado numa sucessão dos seguintes estágios: **sensório-motor** (0 a 2 anos); **pré-operacional** (2 a 6 anos); **operações concretas** (7 a 11 anos); **operações formais** (12 anos em diante). Essas idades atribuídas aos estágios não são rígidas, podendo haver grande variação individual.

Piaget também contribuiu com uma sistematização do desenvolvimento da moral e sua busca pelo entendimento do porque as pessoas davam respostas "aparentemente erradas", levou-o a questionar os testes de inteligência que eram aplicados na época.

A partir desses questionamentos concluiu que as crianças não pensam de modo algum como os adultos. Seu método de investigação era a entrevista em forma de perguntas do tipo: Por que chove? O que faz o sol brilhar? Quando alguém chuta uma bola, a bola sente dor? Depois, ele analisava as respostas das crianças, não para avaliar se estavam certas, mas para entender como elas encontravam soluções para as perguntas.

A TEORIA DE WALLON

Além de Freud e Piaget, Wallon apresenta uma visão do desenvolvimento que é muito importante para a compreensão do ser humano. Nós vamos estudá-la mais detalhadamente para entendermos o processo de formação da pessoa por achar que ele nos proporciona uma visão do ser humano mais completa, que abrange os aspectos cognitivos, afetivos e sócio-históricos da constituição do indivíduo.

Segundo Wallon, a criança e o adulto formam uma unidade indissolúvel. Isso porque o desenvolvimento da criança se dá em direção à vida adulta. É preciso ver a pessoa em uma perspectiva que contemple o passado, o presente e o futuro.

O que somos é uma unidade do que fomos que se atualiza a cada momento, delineando o que vamos ser. É quase dizer que o futuro é hoje, pois ele está sempre sendo e deixando de ser. Pode parecer jogo de palavras, mas não é.

O problema é que nos acostumamos a pensar as coisas como se elas fossem pré-determinadas e que não mudassem. “Pau que nasce torto, morre torto”. Se aceitarmos esse dito, não deveríamos nem falar em educação, pois não levaria a nada educar alguém. Não é mesmo? Eu acredito na possibilidade da mudança mesmo que ela seja muito difícil de conquistar.

IMPORTANTE

Wallon nos mostra a necessidade de concebermos o desenvolvimento como um processo de evolução dinâmica, sempre em movimento e sofrendo mudanças não só quantitativas, mas, qualitativas a partir de uma base material, ou seja, do orgânico. Esse desenvolvimento se dá em etapas cada qual com suas características específicas.

Período da Vida Intra-Uterina

Wallon começa a descrever as etapas do desenvolvimento mostrando a importância do período da vida intra-uterina. Nesse período, a criança encontra-se em uma total dependência biológica do organismo materno, mas já se faz presente no meio social por meio dos seus movimentos. Você que já teve neném, que já acompanhou a gravidez de alguém, com certeza já curtiu sentir “as mexidas” da barriga da mulher grávida.

Estágio Impulsivo

E o que ocorre depois do nascimento? Com o nascimento, surge uma nova fase, na qual a criança já depende de si própria em relação à respiração e à capacidade de auto-regulação da temperatura do seu organismo. No restante, sua dependência com o meio, especialmente com a mãe, é de total exigência de atenção.

A importância dessa atenção se refere tanto ao desenvolvimento psíquico como físico. A sua falta pode acarretar danos às funções orgânicas, podendo mesmo chegar a definhar fisicamente.

O bebê humano necessita da ajuda de uma outra pessoa até para mudar de posição. Às vezes, ele chora porque está muito tempo em uma mesma posição, podendo ter câimbra. É por isso que Wallon diz que o ser humano é desde sempre social, pois sem um outro que o alimente e o embale, ele não sobrevive.

É o período das necessidades alimentares e posturais, da mudança de posição e de ser transportada ou embalada. Muitas vezes a criança precisa apenas de estar no colo para sentir a presença do outro e se acalmar.

Nessa fase, a satisfação das suas necessidades não é automática, o que faz com que a criança comece a conhecer os sofrimentos da espera ou da privação, levando-a a ter reações de espasmos e gritos, com gestos explosivos de simples descargas musculares.

As reações do recém-nascido geram interpretações dos adultos, na tentativa de decifrar suas necessidades expressas em cada tipo de grito. Os primeiros gestos são manifestações da emoção e constituem-se na primeira linguagem do homem. O adulto à sua volta tenta decifrar as expressões do bebê e estabelece uma comunicação que permite o início nos significados do adulto. É só lembrar de uma criança com fome. Ela grita e esperneia sem que ninguém consiga fazê-la parar de berrar.

Estágio Emocional

Por volta dos seis meses, a criança já é capaz de manifestar uma grande quantidade de expressões emocionais, tais como a raiva, a dor, a tristeza e a alegria.

Durante esses dois estágios, a criança depende muito dos outros em sua volta. Não apenas para alimentá-la, mas para desenvolvê-la emocionalmente. Daí a importância de começar desde o nascimento a conversar com a criança, pois é por meio da linguagem que ela vai se apropriando da cultura em que está inserida.

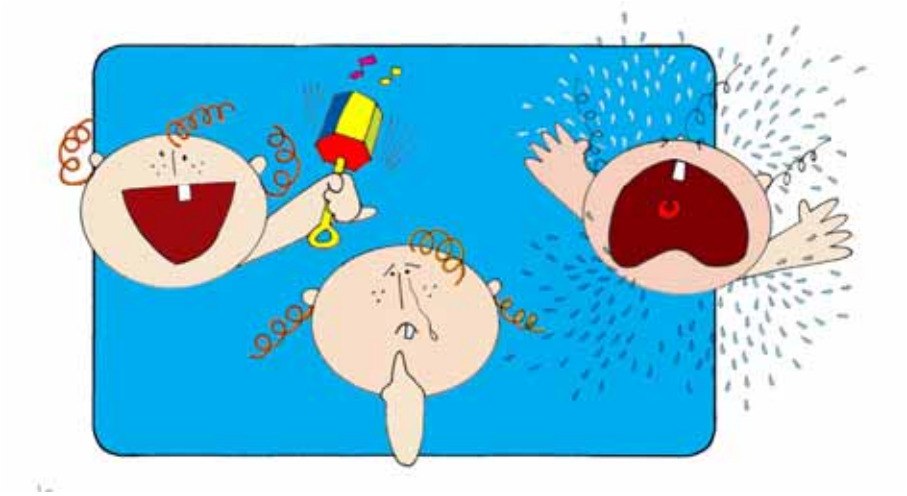
Estágio Sensório-Motor

Do primeiro ano de vida ao começo do segundo, a criança procura explorar o mundo ao seu redor. Agora as atividades

dominantes são a marcha e a fala, que libertam a criança de numerosas dependências ou limitações.

A partir daí começam os conflitos entre os adultos e as crianças. Elas não têm idéia dos perigos, mas precisam explorar e conhecer o que está a sua volta. É o princípio da aprendizagem e do desenvolvimento das capacidades intelectuais. É preciso permitir à criança que ela vá descobrindo por ela mesma as coisas ao seu redor.

IMPORTANTE



Período do Personalismo

Por volta dos três anos, surge a etapa em que a criança passa a ser o foco principal. É como se ela se voltasse para o seu interior e começasse a tomar consciência de si mesma. A criança demonstra a necessidade de se afirmar, de conquistar a autonomia, o que leva ao surgimento de muitos conflitos com ela mesma e com os adultos que cuidam dela.

Ela se confronta e se opõe às pessoas sem motivo aparente, mas com o propósito de provar sua independência e existência.

É o famoso período em que a criança diz "não" para tudo, mudando de opinião sem explicação. É um período difícil que é sucedido por um outro mais positivo, de encanto. É a idade da graça, mas também de muita timidez e inibição; é quando a criança tem prazer em se exibir diante dos adultos, mas é tomada repentinamente por uma vergonha que a imobiliza.

O conflito às vezes acaba por imobilizar a criança, então o único recurso que resta é chorar.

Por fim, apresenta-se um novo confronto com as outras pes-

soas, com uma nova forma de participação e de oposição. Já não se trata apenas de reivindicação de ser diferente, mas sim de um esforço de substituição pessoal por imitação de um papel, de uma personagem, ou de alguém preferido ou invejado.

A imitação permite a identificação de um modelo e não significa que a criança já esteja fazendo escolhas para sua vida adulta. É importante que o adulto possibilite essa identificação que muitas vezes aparece como um jogo simbólico. É quando a criança se veste com uma fantasia de super-herói e se acha o mais valente de todos. Parece até que a brincadeira preferida é a de "agora eu sou..." em que tudo é possível!

Mesmo lutando pela sua independência, a criança continua ainda nesse período, numa profunda dependência do seu meio familiar, mantendo-se assim até a idade de entrar na escola, no ensino fundamental.

Período da Puberdade e Adolescência

Neste período que vai dos seis aos doze anos, a criança se volta outra vez para as coisas em volta dela. A escola, nesse período, desempenha um importante papel na vida psíquica da criança, alargando suas relações pessoais e sua capacidade intelectual.

No entanto, isso se dá de forma lenta e difícil. Diante de tarefas propostas pelo professor, na maioria dos casos, impostas, sem utilidade aparente, a criança reage chegando às vezes a uma "verdadeira sonolência intelectual" demonstrando um falso desinteresse pelas coisas.

Por isso é importante o adulto tentar conhecer como a criança pensa e que relações ela faz ao pensar em determinado assunto, para fazer com que ela se interesse pela tarefa da escola.

O equilíbrio é rompido nessa fase de maneira mais ou menos repentina e violenta, a pessoa encontra-se em uma crise que pode ser comparada à dos três anos.

A diferença é que, nesse momento, as outras pessoas são menos importantes para o adolescente e as exigências de sua per-

sonalidade, agora em primeiro plano, entram em conflito com os costumes, hábitos de vida e relações da sociedade. O retorno da atenção sobre ele próprio causa, no adolescente, as mesmas alternâncias de graça e de embaraço dos três anos.

IMPORTANTE

Período da Fase Adulta

Finalmente surge a fase adulta em que aparentemente a pessoa atinge um equilíbrio entre as alternâncias de se voltar para o seu interior e o interesse pelo intelectual. Nesse momento, o adulto continua se desenvolvendo emocional e intelectualmente.

Veja a seguir os estágios de desenvolvimento

- Período da Vida Intra-Uterina – total dependência fisiológica, marcada por reações motoras.
- Período Impulsivo e Emocional – depois do nascimento. Abrange o primeiro ano de vida; as emoções prevalecem e permitem as primeiras interações da criança com seu meio.
- Período Sensório-Motor – por volta dos dois anos. Predomínio da exploração do mundo físico e caracterizado pela aquisição da marcha e da palavra.
- Período do Personalismo – entre três e cinco anos. Período dos confrontos e de formação da autonomia.
- Período da Puberdade e da Adolescência – antes da idade adulta. Crise comparada à dos três anos com o retorno da atenção sobre sua própria pessoa.
- Período da Fase Adulta – a pessoa atinge um certo equilíbrio entre o desenvolvimento emocional e o intelectual.

Você acompanhou alguma criança de perto (filho, sobrinho, etc.) durante o seu desenvolvimento? Tente lembrar a história do desenvolvimento dela. Relembre fatos, reveja fotos, converse com outras pessoas que conviveram com eles também. Compare com a descrição feita por Wallon desses períodos. Será que você concorda com a maneira como eles foram descritos? Com certeza você vai poder acrescentar mais detalhes a cada um desses períodos. Escreva e cole fotos ou gravuras de revistas para ilustrar seu memorial.

3.2 Papel do educador na formação da personalidade do aluno

A idade de entrada na escola, em quase todos os países, é dos seis a sete anos, quando a criança, de acordo com as etapas do desenvolvimento, torna-se capaz de reconhecer uma letra que combinando com outras, pode formar sílabas e palavras. Da mesma forma, também é capaz de compreender operações da matemática.

Em termos sociais, ela agora deixa de ser função unicamente do grupo familiar e passa a ser uma unidade em condições de entrar em diferentes grupos. Essa fase é, portanto de extrema importância para o desenvolvimento intelectual e social, mas é preciso ressaltar a ligação existente desses aspectos, com o desenvolvimento da personalidade.

Assim, podemos dizer que o aprendizado escolar da criança poderia ser favorecido se todos os educadores envolvidos no processo desenvolvessem, ao mesmo tempo o intelectual e as aptidões sociais.

A escola passa a se constituir como um grande grupo que abriga diversos grupos menores.

> "O grupo é indispensável à criança não só para a sua aprendizagem social, mas para o desenvolvimento da sua personalidade". Wallon

Sendo o grupo tão fundamental para o desenvolvimento da criança, é preciso que você, como educador e participante do grupo, possa intervir favorecendo essa forma de socialização, incentivando a cooperação, o espírito de solidariedade e de mútua interação, em lugar de desenvolver o espírito de concorrência e de conflito coletivo.

A convivência com o grupo é, pois, muito importante para o desenvolvimento da personalidade. Então, estamos falando em desenvolvimento da personalidade. Mas e você, o que acha disso? O aluno quando chega à escola já tem uma personalidade formada? O que você pensa sobre personalidade? Aprender alguma coisa na escola contribui para a formação da personalidade?

Não se esqueça de anotar no seu memorial as respostas que você vai encontrando ao ler essas perguntas. Anote sempre o que vier de imediato a sua cabeça, depois releia e se for o caso escreva de novo.

IMPORTANTE

Algumas teorias na psicologia entendem que ao aprender os conteúdos formais das disciplinas, a pessoa vai se constituindo na sua personalidade também. Para essas teorias, a personalidade significa a maneira habitual ou constante de reagir, de cada indivíduo que se constrói progressivamente segundo um ciclo de alternância de duas funções principais: a afetiva e a inteligência.

A personalidade representa a integração de um componente afetivo, o caráter, e de um componente cognitivo, a inteligência. A cada etapa do seu desenvolvimento, a pessoa reage às situações de acordo com suas condições emocionais e suas possibilidades intelectuais. A aprendizagem de coisas diferentes faz surgir nos alunos necessidades novas e outras atitudes.

Sendo assim, é importante reconhecermos no aluno a possibilidade de mudança da sua maneira de ser, a partir do seu aprendizado escolar. Portanto, a escola é vista, por essas teorias, como sendo um espaço de construção da personalidade:

> "O desenvolvimento da inteligência está ligado ao desenvolvimento de sua personalidade". Wallon

Podemos fazer uma reflexão sobre isso se pensarmos, por exemplo, como agíamos de modo diferente quando éramos pequenos e passamos a ver as coisas de outra maneira ao aprendermos como os fatos acontecem.

Antes de aprender a falar, a comunicação se dá pelo choro ou pelo riso. Depois que aprendemos a usar a linguagem, passamos a comunicar sentimentos, desejos e a transmitir informações por meio da fala.

Quando somos pequenos temos alguns medos que nos imobilizam. À medida que adquirimos conhecimento, passamos a entender o porquê de alguns acontecimentos e deixamos de ter medo. Às vezes, utilizamos histórias de

"bicho papão" para amedrontar as crianças e depois quando elas aprendem que os "bichos papões" são nossas invenções, elas riem dessas histórias.

Na escola, muitas vezes, os educadores querem impor o respeito pelo medo. Isso pode funcionar com as crianças pequenas, mas à medida que elas crescem e aprendem a relacionar-se de outra maneira, isso não funciona mais. É justamente por isso que é preciso que nós educadores utilizemos o espaço da escola para a formação da personalidade dos nossos alunos.

Para tal, é preciso que as relações entre todos sejam de diálogo e que permitam o entendimento da necessidade de haver respeito e façam sentido no dia-a-dia de todos os envolvidos.

A relação entre o educador e o aluno deve ser de interação. O educador não deve estar ausente do processo de desenvolvimento do aluno, nem se impor de forma autoritária. Ele é o responsável pela organização da relação com os educandos, cuidando para preservar sua espontaneidade. A ele compete ajudar o aluno a se livrar da dispersão que o contato com as coisas provoca em seus interesses ou em sua atividade.

Uma das dificuldades da escola é fazer que o aluno tenha interesse nas atividades propostas pelos professores, pois que, muitas vezes, elas não fazem sentido de imediato. Pedir atenção dos alunos para as tarefas da escola é exigir um esforço abstrato que os fatiga excessivamente.

Os educadores, portanto, devem procurar descobrir atividades e situações que toquem de perto o aluno, promovendo seu interesse, que é a grande força da atenção.

Um outro aspecto de controvérsia em relação ao ensino e aos interesses, às curiosidades e às iniciativas dos alunos, diz respeito à disciplina. Tradicionalmente, disciplina significa obter a tranqüilidade, o silêncio e a passividade dos alunos, para que eles não se distraiam dos exercícios e das regras propostos pela escola. Mais adiante trataremos especificamente dessa questão.

IMPORTANTE

Podemos concluir dizendo que a ação educativa não se limita à transmissão de conhecimentos. A escola tem de se dirigir à criança de maneira a atingir toda sua personalidade, respeitando e estimulando sua espontaneidade total de ação e de assimilação. Sendo assim, a educação da inteligência e a da personalidade não podem ser dissociadas, fazendo-se também necessária a orientação para uma apropriação da cultura.

PRATIQUE

Faça um resumo do que foi apresentado nesta seção destacando o que você achou de mais interessante para sua prática profissional e pessoal.

3.3 A formação pessoal do educador

Nosso objetivo nesta seção é refletir a formação do educador no que diz respeito à sua pessoa. Então vamos conversar um pouco antes de começarmos.

Você certamente irá concordar comigo que o que você é hoje, com a sua idade e tudo que faz é bem diferente de quando tinha mais ou menos dois anos de idade, certo? Naturalmente que você se desenvolveu e aprendeu muito nos anos que passaram, até os dias de hoje. Você mudou, não é mesmo?

REFLEXÃO

Poderíamos dizer que você é quase outra pessoa. No entanto, se me mostrar uma foto sua de dois anos, você não terá dificuldades de me dizer que aquela criança era você. Então? Afinal de contas, quem é você? Esta pessoa que está lendo essas coisas ou a criança da foto? Talvez me diga que são as duas. E realmente são, mas diferentes, não é?

Pois bem, todos nós somos o que fomos e o que ainda vamos ser, sabendo o que somos agora. Se concordarmos com isso, podemos acreditar que somos seres em constante processo

de mudança. Às vezes não é fácil admitirmos que estamos sempre mudando, mas se fizermos um esforço e pensarmos no que éramos há uns cinco anos, poderemos ver que algo em nós mudou.

> "O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando". Guimarães Rosa

PRATIQUE

O que você estava fazendo há cinco anos? Com certeza não imaginava que estaria fazendo este curso, certo? Faça um retrospectivo da sua vida e coloque no seu memorial alguns acontecimentos mais marcantes que podem mostrar o tanto que você vem mudando na sua vida. Ilustre com fotos suas ou recortes de revista.

Esse curso tem exatamente como meta permitir a formação de um novo educador, portanto provocar mudanças. Estamos pensando a pessoa do educador em processo de formação, pois entendemos que além das exigências de conhecimento da psicologia, é importante uma formação psicológica no que se refere à pessoa do educador. Isso significa a necessidade de discutirmos como se dá esse processo, principalmente em relação ao desenvolvimento da sua personalidade.

A natureza do homem não existe "pronta e definida". Ela consiste na sua atividade vital, no seu trabalho. A natureza psicológica da pessoa é o conjunto das relações sociais que se tornam funções da personalidade e das formas da sua estrutura criadas no coletivo. A personalidade é algo mutável e deve ser considerada no seu devir e no seu desenvolvimento, como um processo de transformações.

A personalidade é uma categoria que, como muitas outras, revela as contradições dentro do campo da psicologia. A idéia de pessoa, de um "eu", para a história da humanidade é considerada recente.

Na antiguidade, por exemplo, os escravos não tinham direitos, pois eram vistos como seres que não tinham personalidade, nem corpo, nem antepassados, nem nome, nem bens próprios.

Os livros de psicologia sobre personalidade trazem diferentes abordagens sobre o tema e mostram não haver uma definição de consenso entre todos os psicólogos. Há cerca de cinqüenta definições de personalidade. Às vezes, ela é definida pela sua importância social e em outras pela impressão positiva ou negativa que o indivíduo causa em outras pessoas: personalidade agressiva, passiva, tímida, etc.

Nas duas apresentações, encontramos um elemento de valoração da personalidade como boa ou má. Diz-se até que uma pessoa tem ou não personalidade. Em algumas ocasiões, chegamos a dizer que um aluno apresenta problemas de personalidade, indicando com isso que ele não consegue manter relações satisfatórias com seus colegas e professores.

A maioria das teorias atribui uma importância muito grande aos fatores hereditários. Daí, o famoso dito: "Filho de peixe, peixinho é". O biológico predomina nas teorias e a ênfase é dada aos fatores ocorridos nas fases da infância do desenvolvimento.

O desenvolvimento da personalidade do adulto não foi destaque na psicologia por várias décadas. A concepção dominante, nas teorias e no senso comum, é a de que após o período de turbulência da adolescência, nada de novo acontece no desenvolvimento do adulto.

Com o fim da escolarização, com a entrada no mercado de trabalho e a constituição de uma nova família, só resta ao adulto esperar o inevitável fim da vida com a morte.

O que você acha disso tudo? Você concorda que o adulto não muda ou está de acordo com o que dissemos no início que estamos sempre em um processo de mudança? A quem interessa que mudemos ou não? Responda no memorial!

A idéia aqui apresentada de personalidade leva em consideração um sujeito ativo em suas ações que se apóia em sua personalidade para exercer essas ações, ao mesmo tempo em que a partir da própria ação transforma sua personalidade.

A personalidade é vista como um processo que se constitui e se desenvolve ao longo de toda a vida do homem. Não se reduz, portanto, à infância e nem à adolescência. O indivíduo se desenvolve constantemente na medida em que acumula experiência individual e coletiva. O grande desafio é o de conceber o adulto em processo de desenvolvimento e de mudança.

Assim, o educador em sua formação, como profissional de educação, deve passar por experiências que faça sentido e que aumente seus recursos de personalidade para exercer suas funções, comprometendo-se a desenvolver características de personalidade para o desempenho da profissão.

As relações interpessoais na escola são bastante complexas e muitas vezes a rotina das tarefas ali executadas não permitem uma reflexão das nossas ações. Sendo assim, em várias ocasiões não aproveitamos os recursos que temos para educarmos os nossos alunos e agimos de maneira impensada, cansando mais do que o necessário.

O que é preciso para a prática de uma educação com respeito mútuo entre todos os envolvidos no espaço escolar? Acreditamos que uma condição básica para isso é a de que o educador tenha conhecimento de suas próprias formas de pensar e agir, nas diferentes situações em que se encontra.

É preciso levar em consideração o desenvolvimento da sensibilidade frente aos educandos para poder compreender a complexidade das relações estabelecidas e, portanto, entender que não são passíveis de total controle.

Assim, é importante que o educador esteja seguro da sua prática e de si mesmo, como profissional e adulto, para que, ao se sentir ameaçado, não ameace. Só assim, poderá ser respeitado naquilo que faz e ser reconhecido pelos outros.

Acreditamos que devemos estar prontos para aprender sempre e poder ser ouvidos em relação as nossas dificuldades, desejos e expectativas no nosso cotidiano, para que a apren-

dizagem contínua constitua-se como instrumento constante de inovação e de melhoria da situação pessoal e coletiva dos educadores.

IMPORTANTE

Sugestão de pesquisa:

Montar um álbum com recortes de revistas que caracterizem os diferentes estágios de desenvolvimento humano.

PRATIQUE

4

Temas transversais

4.1 Disciplina e motivação

Antes de continuar com a leitura, pense sobre o que você entende de disciplina e indisciplina. Escreva no seu memorial o que vier a sua cabeça sobre isso. Depois, à medida que for lendo o que vamos apresentar aqui, compare com o que você escreveu. Você também pode discutir esse assunto com seus colegas de trabalho ou deste curso.

Você se lembra do tempo em que era aluno? Tente relembrar de como era sua escola, seus colegas, seus professores, as pessoas que trabalhavam nela. O que você mais gostava de fazer? Qual era o melhor professor?

Com certeza, você pode lembrar de momentos em que ficava com o pensamento bem distante da sala de aula, preocupado com o que ia fazer depois da aula. Também se lembra de como sentia preguiça ou logo se cansava de ouvir o professor? E dos momentos gostosos quando descobria algo novo? Quando competia com os colegas para falar? Ou quando não sabia a resposta e ficava torcendo para que a professora não dirigisse a pergunta a você?

É importante recordar e faz muito bem para gente parar e pensar na nossa história. Mesmo que possam vir lembranças desagradáveis. É sempre bom pensar que já fomos alunos e que já tivemos outra idade. Em alguns momentos fomos atentos e em outros fizemos bagunça, tinha sempre alguém que chegava para impor a disciplina na escola. E aí, tome bronca! Isto quando não era logo mandado para a direção, para ter "aquela" conversa com a coordenadora pedagógica, ser ameaçado de ficar sem recreio ou de ser suspenso por três dias.

Muitas vezes, a sensação era se sentir injustiçado. Não havia motivo para tanta punição, era o que pensávamos. Os adultos sempre exigiam demasiadamente e estavam normalmente errados! É justamente sobre as diferenças sobre o que entendemos de disciplina que queremos conversar neste momento.

Disciplina

Não é nada fácil definir o que é indisciplina ou disciplina. São conceitos complexos, pois não são estáticos, uniformes, nem

universais e trazem consigo uma multiplicidade de interpretações.

Eles se relacionam com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e em uma mesma sociedade. Também no plano individual a palavra disciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que foram aplicadas.

Muitas pessoas acham que hoje em dia a indisciplina na escola é maior e vêem isso como conseqüência "dos tempos modernos". "No meu tempo o professor era autoridade; ele era respeitado não só na escola, mas em toda sociedade".

O que você acha desse argumento? Os tempos são outros? Você concorda que se os "tempos" são outros, então devemos buscar soluções com o que temos hoje e não ficarmos imobilizados porque os "tempos" são outros?

Tradicionalmente, disciplina significa obter a tranqüilidade, o silêncio e a passividade dos alunos, para que eles não se distraiam dos exercícios propostos pelo professor e que sigam as regras pré-determinadas pelos adultos.

O entendimento de disciplina depende, em grande parte, da concepção que se tem do papel do educador no ambiente escolar. Se a sua função é simplesmente garantir a ordem na sala de aula e nos demais espaços da escola, ou se acredita que deve formar o aluno como um cidadão para o futuro.

No primeiro caso, a concepção de disciplina é a tradicional e coincide com a da maioria dos educadores quando dizem que disciplina "é obter a tranqüilidade, o silêncio, a arrumação, a concentração e as posturas corretas". No entanto, esse ponto de vista não é compatível com a educação que se propõe a formar cidadãos, que não pode prescindir da colaboração dos alunos, o que acarretaria na inibição de suas curiosidades, seus interesses e suas iniciativas.

Seguramente, a convivência escolar, em turmas numerosas, como é o caso da maioria das nossas escolas, não permite se seguir as fantasias e os desejos de cada um. É preciso uma certa capacidade de adaptação a algumas regras para que possa emergir a esponta-

Tente assistir ao filme Sociedade dos poetas mortos. Direção Peter Weir (EUA, 1989). Analise o processo educacional da escola apresentada, conservadora, nos anos 50, nos EUA, e como o professor rompe com a visão tradicional. Faça uma relação com a escola brasileira que você conhece.

neidade coletiva nas atividades propostas.

Vários podem ser os fatores que dificultam a participação de alguns alunos nessa disciplina coletiva. Muitas vezes, o problema está nas relações do aluno com a classe, com o conteúdo do ensino ou com as pessoas.

Em relação ao professor, a hostilidade pode ter sua causa no seu próprio fracasso escolar, na severidade do professor ou nos motivos pessoais originados na família, bem como em função da relação com os colegas, às vezes, em um sentimento de inferioridade ou desejo de ser aceito. Mais freqüentemente do que se supõe, o aluno sofre de recalcamento.

A não-satisfação de sentimentos que gostaria de experimentar na sua família ou na escola traduz-se por reações desviadas que têm mais ou menos valor de diversão, de disfarce ou de símbolo que são objetiva ou subjetivamente nocivas.

A questão da violência na escola vem se constituindo em um problema muito grave. A agressão física, como a verbal, e o desrespeito estão banalizados no cotidiano escolar, como algo consolidado no modo de ser dos jovens.

É preciso que os educadores disponibilizem um espaço para que os alunos falem de suas experiências, de suas dúvidas e de fatos de seu cotidiano. Essa pode ser uma maneira de eles participarem da aula e de terem um melhor desempenho escolar.

Então, o que foi apresentado acima faz sentido com o que você pensou antes de ler esta seção? Como você definiria disciplina agora?

Motivação

Quanto à motivação, podemos dizer que está estreitamente ligada com a questão da disciplina. Ou seja, falamos na necessidade do processo educativo fazer sentido para o aluno para despertar o interesse na participação do coletivo.

A motivação tem a ver com o motivo pelo qual alguma coisa me leva a agir em direção a ele com o fim de obter alguma satisfação. Essa satisfação pode ser de ordem pessoal, social, cognitiva, afetiva e de muitas outras formas, que às vezes não conseguimos identificar. O importante é fazer com que o motivo pelo qual queremos envolver o aluno em uma determinada tarefa, faça sentido para ele.

Em outras palavras, a tarefa tem de provocar um sentido emocional

para a pessoa, pois como dissemos anteriormente, a emoção é o motor das nossas ações.

E como conseguimos proceder para atingir a emocionalidade do outro? Claro que não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível. Exige, no entanto, um esforço de olharmos atentamente para o outro para poder conhecê-lo e então saber das suas necessidades.

IMPORTANTE

É importante que encontremos o sentido emocional das coisas que fazemos. Sendo assim, é necessário que tenhamos consciência do nosso trabalho para encontrarmos esse sentido emocional e nos sentirmos motivados ao realizarmos nossas tarefas. Nada como alguém feliz no seu ambiente de trabalho!

Isso também não é fácil de atingirmos, mas é necessário. Muitas vezes vamos precisar da ajuda do grupo do qual pertencemos. Temos de estar envolvidos com as pessoas e deixarmos ser envolvidos por elas para encontrarmos satisfação naquilo que fazemos.

O ideal a ser atingido na escola é que cada um na sua função, no seu papel, possa exercer um poder de decisão, com a mesma igualdade de direito, sendo educador ou educando, enfrentando-se nas diferenças que cada função exige.

Pense um pouco como estão estabelecidas as relações na sua escola entre as pessoas com diferentes funções. Como anda a motivação das pessoas naquilo que fazem? E você, como se sente na sua escola?

Como tarefa, gostaria de propor que você fizesse uma pesquisa na sua escola para saber o que diferentes profissionais entendem por motivação, se eles sentem satisfação nas tarefas que realizam e como gostariam que fosse a escola. Anote as respostas e faça uma proposta para motivar os profissionais da sua escola. Essa proposta não precisa ser necessariamente colocada em prática. A tarefa tem como objetivo o exercício da proposição, ou seja, de criarmos uma alternativa para mudar as coisas. Oxalá ela venha a se tornar realidade!

4.2 Gênero nas relações escolares

A título de facilitar a comunicação, todas às vezes que temos o plural envolvendo o masculino e o feminino, usamos a palavra no masculino. Isso se deve à regra gramatical da nossa língua que faz o uso do masculino como sendo genérico, mesmo quando nos dirigimos a um número muito maior de mulheres. Nossa gramática é um tanto quanto machista, não acha?

Pois bem, essa regra do português fortalece a idéia de que seja natural que os homens dominem as relações de poder. Por isso, acho importante abordar a questão de gênero na escola para refletirmos o papel de cada um nesse contexto.

Desde a infância homens e mulheres são vistos, concebidos e constituídos de forma diferente. Assim, o estudo dessa diferenciação é primordial na busca da compreensão da constituição do sujeito. Gênero, portanto, é uma dimensão muito importante da formação do ser humano, principalmente no contexto escolar.

De início, quando ouvimos falar de gênero pensamos logo no sexo. Mas, quero deixar claro que gênero não é sexo. Podemos definir gênero como sendo a atribuição de um modo de ser que reúne características sociais e culturais de homem ou de mulher.

Vamos explicar melhor. Por que gênero não é sexo? Porque sexo está definido pela prática sexual ou pela característica morfológica, ou seja, pelo órgão genital, masculino ou feminino, que são definidos geneticamente.

No entanto, o sexo por si mesmo não determina o comportamento do homem ou da mulher. Por exemplo: é comum as pessoas dizerem que homem não chora. O que isso significa? Que fisiologicamente homem não consegue chorar? Claro que não. Significa que a nossa cultura atribui ao corpo do homem a impossibilidade de chorar.

Assim como no caso do choro, existem outros exemplos que a cultura permite ou não ao homem e à mulher. Todas as coisas atribuídas pelo cultural, chamamos de gênero, masculino ou feminino.

No gênero feminino aprendemos, desde cedo, a ser dóceis, sensíveis e frágeis. No masculino, os homens são obrigados a desenvolver músculos, dureza e até insensibilidade.

A dificuldade em analisar as coisas a partir dessa categoria gênero se dá pelo fato de admitirmos que tudo é definido pelo biológico. Principalmente, em relação aos papéis de homem e mulher que estão muito ligados à nossa identidade sexual. Sendo assim, acabamos por achar que as diferenças entre homem e mulher são naturalmente dadas e não culturalmente construídas.

A escola como espaço de socialização de meninas e de meninos exerce uma grande influência no processo de constituição de gênero. O papel do educador nesse processo é de fundamental importância para flexibilizar as regras e os papéis de gênero e levar os alunos a uma reflexão sobre as relações de gênero.

Como constituídos e constituintes dessa sociedade, os educadores são também permeados pelas concepções acerca do gênero e podem acabar por cair em naturalizações.

Torna-se necessário, portanto, um trabalho consistente e reflexivo na formação dos educadores sobre essa questão para que eles possam, junto com os alunos, resignificar esses papéis de gênero e não permaneçam nos esteriótipos que impedem diversidade na construção pessoal de existência.

Proponho que você responda estas questões e depois reflita sobre elas:

- ***Como você vê o papel dos educadores em relação à formação de gênero? A escola tem sido utilizada para perpetuar os estereótipos de gênero ou os questiona para reinventá-los?***
- ***Como são as relações de gênero na sua escola?***
- ***Como são tratados meninos e meninas?***
- ***Como você se sente frente a determinadas exigências de papéis ditos masculinos ou femininos?***
- ***Há relação entre a função exercida e o gênero?***
- ***Faça a relação entre as diferentes funções exercidas na sua escola e o sexo de quem as exercem. Que conclusões você pode tirar dessa relação?***

4.3 Diversidade cultural no processo educacional

Todos nós ao nascermos já fazemos parte de uma cultura que é a forma de organização social de um grupo, com valores, crenças e costumes específicos. O que somos como seres humanos é o resultado da interação dialeticamente estabelecida entre os processos intrapessoais e interpessoais que se constituem e se transformam numa determinada cultura.

Podemos perceber diferenças nos costumes das pessoas e como eles podem causar estranhamento. Em alguns casos, achamos divertidas essas diferenças, mas em outros, podemos reagir até com preconceito por exemplo, quando vemos dois árabes se cumprimentarem-se com um beijo na boca. Tudo isso faz parte da diversidade cultural.

Na escola, muitas vezes achamos que todas as pessoas têm os mesmos costumes e as mesmas crenças. Mas isso não é verdade. O que temos na escola, ou em qualquer outra instituição educativa, é um grupo de pessoas, com diferentes funções, que têm em comum o mesmo objetivo que é o de educar os alunos.

Ter o mesmo objetivo é o que define a formação de um grupo. Então, na escola temos um grupo. No entanto, o grupo é composto por pessoas de diferentes meios sociais que estão sempre se confrontando com o novo e com a diferença, pois cada um tem sua identidade.

Estar em grupo não significa ser igual, ter as mesmas idéias e compartilhar as mesmas opiniões. Pelo contrário, a diversidade deve ser vista como possibilidade de enriquecer nossa visão de mundo.

Faça um pequeno estudo sobre o grupo da sua escola respondendo às seguintes questões:
De que maneira o grupo da sua escola está formado? Você acha que as pessoas são iguais? Você se sente parte desse grupo? Como o seu grupo lida com as diferenças? Procure descrever o grupo da sua escola, suas características comuns e suas diferenças.

PRATIQUE

O grupo envolve os diferentes participantes da escola e deve ser o espaço de construção do processo democrático. Participar do grupo implica assumir o seu papel, sua função, no enfrentamento dos conflitos com os outros.

Aceitar passivamente, como um "cordeirinho", a opinião dos outros não é participar de um grupo. É fundamental que o educador tenha clareza dos objetivos, papéis e das funções que estruturam o grupo do qual ele faz parte.

Agora vamos pensar nos grupos formados pelos alunos. É extremamente importante olharmos para essa formação para podermos entender os comportamentos dos nossos alunos na escola. Eles também vivenciam a diversidade cultural e, portanto, enfrentam conflitos nas diferenças do modo de vida de cada um.

Vamos a um exemplo: em uma atividade proposta a alunos de nove anos da terceira série do ensino fundamental, pediu-se que eles formassem dois grupos da forma que quisessem.

Em seguida, foi apresentada a cada grupo uma caixa contendo os mesmos materiais de sucata e foi pedido para que representassem o que eles mais faziam

nos domingos à tarde.

Enquanto os alunos realizavam a tarefa, perguntou-se à professora da turma o que ela esperava que eles apresentassem. Ela achava que eles iriam mostrar uma TV, pois acreditava que eles assistissem TV no domingo à tarde.

Ao final, o que resultou de um dos grupos foi uma Igreja e do outro, um parque de diversões. Foi possível observar que o grupo da Igreja era composto por alunos de menor renda salarial e tinham como diversão nos domingos ir aos cultos religiosos. O outro grupo, de maior renda familiar, relatou que freqüentemente iam ao clube ou aos parques de diversão.

O que você pode tirar de conclusões dessa atividade? E em relação à professora, podemos dizer que conhecia seus alunos? Será que o fato de termos crianças da mesma idade, em uma mesma escola, em uma mesma sala de aula, demonstra que têm os mesmos interesses ou pensam da mesma maneira? Essas perguntas devem ser respondidas no memorial!

Nossos alunos adolescentes, por exemplo, muitas vezes são vistos como iguais.

No entanto, basta olharmos com mais atenção e vamos ver que eles se organizam em diferentes grupos, que chamamos de "tribos". Por exemplo, os "punks", os "darks, as "patricinhas", os "nerds". Mas não podemos esquecer daqueles que não são nada disso. São adolescentes "comuns" que não se enquadram em nenhuma dessas "tribos".

Muitas vezes os grupos dos adolescentes são considerados como grupos de oposição aos adultos ou de fuga diante da realidade cotidiana. Vista assim, a

tentativa por parte dos jovens para desenvolver atividades coletivas parece representar um perigo às práticas e às normas consagradas pelos adultos, principalmente dentro da escola.

Muitos educadores desejariam ter diante de si indivíduos semelhantes e isolados, pois a formação de grupos de jovens tem sido, em geral, vista como estruturas sociais complexas, instáveis, ameaçadas de mudanças e elaboradas por novos valores culturais. Daí a desconfiança ou incompreensão entre as gerações já instaladas na vida pública e as gerações em ascensão.

As "gangues", ou o grupo de adolescentes, amplamente estudados pelos psicólogos e sociólogos, são vistos como oposição ao papel do educador e ao conteúdo programático imposto pela escola e que impossibilitariam o processo de aprendizagem.

IMPORTANTE

O que você pensa sobre a formação de grupos de adolescentes?
Por que os jovens parecem chegar à escola cansados, agitados, distraídos parecendo que não querem nada com os estudos?
Será por problemas ocorridos em casa, como brigas, surras, abuso sexual ou por conflitos na classe, com os colegas ou com os educadores?
Será que é por se julgarem incapazes de aprender e, assim, desistem logo? Quem sabe, até, eles não estejam precisando que você lhes dê mais atenção?

Gostaria de propor uma atividade para você: faça uma observação dos alunos da sua escola, de como eles se agrupam e escreva o que acha do comportamento deles. Depois converse com alguns deles sobre o que acham da escola e como gostariam que ela fosse. Provavelmente você irá se surpreender com algumas respostas.

"De modo geral, as escolas vêem os adolescentes como rebeldes, como possíveis destruidores da ordem. A escola deveria entender melhor o adolescente. Os adultos deveriam compreender melhor que a rebeldia faz parte do processo de autonomia. Não é possível ser sem rebeldia. O grande problema é como amorosamente dar sentido produtivo, criador ao ato rebelde, e não acabar com a rebeldia". FREIRE

Sabemos que o comportamento rebelde dos adolescentes tem, não raras vezes, ultrapassado os limites do respeito ao outro, chegando a situações de violência extrema como em casos de tentativa de homicídios e também de suicídios. O educador deve estar atento a essas questões sem, contudo, desenvolver uma atitude preventiva e generalizante de que todo adolescente seja um perigo.

Não é necessário que a diversidade cultural e os conflitos na escola entre adolescentes e adultos sejam vistos como algo negativo, destruidor. Pelo contrário, são formações particulares e não necessariamente hostis a tudo o que é diferente deles.

SAIBA MAIS

Sugestão de filmes: Tiros em Columbine, de Michael Moore, e Elefante, de Gus Van Sant, que enfoca a própria tragédia dos assassinatos na escola de Columbine. Veja qual sentimento os filmes despertam em você. Procure alguma relação com a sua escola.

No grupo, o adolescente distingue-se dos outros membros como um indivíduo que tem sua auto-estima e constrói sua autonomia. A conquista da autonomia se dá na própria experiência, nas decisões tomadas, sempre em diálogo com o outro.

O outro é de extrema importância para a constituição do sujeito em todas as etapas da sua vida. Não há como ser sozinho. Nós somos sempre em presença do outro.

No que diz respeito à autonomia, o educador também deve conquistar a sua. Para isso, o respeito à identidade e à autonomia do educando são fundamentais. É nessa relação que o educador torna-se sujeito de suas ações e não um objeto manipulado por teorias psicológicas. Quanto mais nos colocamos como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, mais capacitados estaremos para a tarefa de educador.

Talvez, um dos grandes dilemas na transformação do funcionário em educador seja o sentimento de que ele não possui voz própria, que seu papel na escola resume-se à tarefa, por exemplo, de execução de servir a merenda, de fazer a limpeza ou de ser porteiro. Esse modelo de funcionário explicita o homem alienado, o homem máquina.

Tal situação nos leva a refletir sobre as dificuldades que os funcionários encontram para, junto com o grupo da escola, discutir problemas, como reivindicar melhores condições de trabalho. Um “funcionário máquina” precisa de muito pouco para ser eficiente. A máquina não ganha salário, não pensa, não tem desejos, não se revolta e só realiza o trabalho programado.

A escola deve ser entendida como um grande grupo formado pelos educadores e pelos alunos, com o objetivo comum da aprendizagem da educação formal. E por subgrupos que mantêm entre si relações que determinam o papel ou o lugar de cada um no conjunto, com sua diversidade cultural, e com objetivos determinados.

Se possível assista o filme Náufrago, de Robert Zeweckis. Quando o personagem se vê sozinho numa ilha, acaba criando um outro a partir de uma bola.

5

Contexto social

5.1 Papel da mídia na escola

Nesta unidade, vamos conversar sobre o contexto social em que estamos inseridos, nós e a escola. Sendo assim, quero propor uma reflexão sobre alguns pontos muito presentes no nosso dia-a-dia que se relacionam diretamente com o cotidiano escolar.

Um deles é o papel da mídia nas nossas vidas. Você pode estar se perguntando: mas, afinal o que o papel da mídia na escola tem a ver com o nosso curso? Eu responderia que tem muito a ver, pois acho importante abordar a questão da mídia na escola por entender que todos os meios de comunicação exercem influência marcante na nossa formação como educadores e na formação dos educandos também.

Defendemos neste curso que o espaço educativo vai além da sala de aula, e a mídia (rádio, televisão, jornal e cinema) exerce um papel de fundamental importância na educação escolar.

Vale ressaltar que a aprendizagem de vida se dá em diferentes contextos como o trabalho, a igreja, o grupo de amigos, os locais de diversão e a própria escola. Isso tudo mostra a necessidade de estarmos abrindo o espaço escolar a outros espaços e sempre considerarmos o aprendizado que temos na "vida" como importante.

Vamos falar da televisão. Esse veículo de comunicação que é um dos produtos da indústria cultural que mais provoca discussões sobre suas conseqüências na vida dos cidadãos, seja de informação ou de alienação, vai ser tratado aqui sob a perspectiva de educadores.

Independente das nossas opiniões sobre a televisão, o fato é que ela faz parte da escola porque somos todos, educadores e educandos, telespectadores. Portanto, escola e televisão cruzam-se e sobrepõem-se nos sujeitos sócio-históricos que compõem o grupo escolar.

Somos, então, telespectadores de muitas horas diárias e os alunos, com certeza, dedicam mais horas em frente à TV do que às tarefas da escola. Dessa maneira, proponho pensarmos

o papel do meio de comunicação como espaço de discussão crítica-construtiva no processo de ensino-aprendizagem. Você conhece alguém que não assista a algum programa de televisão? Eu conheci muitas famílias que não tinham geladeira, mas tinham televisão em casa.

IMPORTANTE

Proponho pensarmos o papel desse meio de comunicação como um espaço de discussão e crítica-construtiva no processo de ensino aprendizagem.

Uma primeira consideração sobre esse tema diz respeito ao fato de que hoje em dia nós somos mais ligados aos programas de televisão do que aos outros meios de comunicação como a rádio e o jornal. Há mesmo aqueles que temem que a televisão venha a suprimir estes outros veículos de comunicação. Eu acho que cada um tem seu valor e sua importância. No entanto, o que acontece é que a televisão tem atingido muito mais a população como um todo.

Devemos, portanto, destacar sua importância e podemos verificar que, como concorrente da escola, a televisão está em vantagem pelo uso de alta tecnologia para alcançar o interesse de entretenimento das pessoas.

No entanto, ela não está apenas a serviço do entretenimento, ela também ensina. E é aí que leva vantagem sobre a escola, pois aparentemente não pretende ensinar, mas ensina. Enquanto que a escola, aparentemente pretendendo ensinar, muitas vezes não atinge seu objetivo.

Com a TV aprendemos modos de falar, padrões de comportamento, modos de julgamento, informações sobre diversos assuntos, etc. Na escola, podemos dizer que aprendemos o mesmo.

A diferença principal é que na escola a linguagem escrita é a privilegiada, enquanto na TV a linguagem privilegiada é a oral. Esse é um ponto importante que devemos pensar, a linguagem na escola está muitas vezes destituída de significado para aqueles aos quais se destinam e o resultado pode ser observado no imenso número de desistência da escola.

REFLEXÃO

Vamos pensar um pouco sobre tudo isso? Qual o papel da mídia nas nossas vidas? Dentre televisão, rádio e jornal, qual o meio de comunicação que você faz mais uso? Escreva suas respostas no seu memorial.

Pela divulgação de várias pesquisas, sabemos que a televisão é o meio de comunicação mais utilizado na nossa sociedade e se inseriu entre nós de maneira tão definitiva que pode ser considerada um padrão universal de nossa cultura. Por que será? Acho que a TV, além de seduzir o telespectador e por seu fácil acesso, possibilita uma cobertura de informações sobre os diferentes acontecimentos da nossa sociedade assim como de outras que, só temos contato via "telinha".

A TV é organizada e planejada segundo um modelo industrial de produção que difunde e produz conhecimentos divertindo os telespectadores. A influência televisiva é muito marcante em toda a população.

As novelas, por exemplo, ditam a moda desde o corte do cabelo até o jeito de se vestir e de falar. Mas não são apenas as novelas que influenciam. A estrutura comercial da TV, por meio de uma propaganda elevada à categoria de espetáculo, lança apelos, os mais diversos, no sentido de fazer de nós telespectadores eficientes e assíduos consumidores.

Além de roupas, de alimentos e de cigarros, consumimos, conseqüentemente, modos de vida, concepções políticas e visões de mundo. Podemos facilmente observar como as crianças desde muito cedo dançam ao som dos ritmos modernos mais tocados nos programas da TV.

Portanto, acredito ser de extrema importância pensar o seu papel na escola como possibilidade de instrumento que possa contribuir para uma consciência crítica do processo educativo.

A imagem deve ser utilizada como forma de desenvolver o diálogo e o questionamento para desenvolver a consciência do aluno. O uso da imagem, além do caráter didático nos aproxima do mundo de imagens utilizadas no nosso cotidiano a partir das propagandas, dos cartazes fixados nos meios de transporte coletivos, etc.

Mas nem tudo na televisão é bom. As mensagens são transmitidas de maneira fragmentada ou segmentada. Às vezes dificultando o entendimento do telespectador. Muitas informações são apresentadas como soltas no espaço, sem conexão com antecedentes, nem conseqüentes.

Um noticiário de um dia pode não ter nenhuma ligação com o do outro dia. Você já deve ter reparado que uma notícia, por exemplo, de um crime é dada em um dia e depois não ficamos sabendo o que aconteceu em seguida.

A fragmentação das informações na TV extrai a lógica dos acontecimentos, as causalidades e as conseqüências.

A escola deve admitir que a TV está em vantagem sobre ela. Assim, o desafio passa a ser como explorar o seu uso em benefício da aprendizagem. Deve aproveitar a colaboração que os serviços prestados pela TV trazem à população. Várias lições podem ser tiradas da TV, por exemplo, o prazer na aprendizagem e a forma de lazer que pode ser esse processo.

Por se tratar de uma linguagem tão presente na nossa cultura, não é mais possível ignorar a televisão e os demais meios de comunicação na escola. Principalmente se a escola pretende atender um projeto democrático de sociedade, que almejamos construir, devemos adotar os meios de comunicação como objeto das atividades escolares.

Isso não implica, de forma alguma, menosprezar o trabalho com o texto escrito ou com outros conhecimentos sistematizados utilizados na escola.

PRATIQUE

Gostaria de propor como tarefa que você assista a dois capítulos de qualquer novela do seu interesse; repare depois como ela influencia nas roupas, no corte de cabelos e nas gírias das crianças, dos adolescentes e dos adultos em sua volta. Escreva essas impressões no seu memorial.

5.2 Educação inclusiva

"Educação para todos"

A constituição federal assegura o direito a todos os cidadãos à educação básica. No entanto, se falamos em educação inclusiva parece que nem todos estão realmente garantidos nesse direito. Você concorda que a educação deve realmente ser para todos? Eu acredito que sim.

Por educação inclusiva se entende o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais ou com distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino, em todos os seus graus de escolaridade.

INTERNET

A Declaração de Salamanca pode ser acessada no endereço eletrônico http://www.mec.gov.br/seesp/pdf/salamanca.pdf

A noção de escola inclusiva surge a partir da reunião da UNESCO em Salamanca, na Espanha, em 1994. Desde então, as discussões sobre a inclusão ganham espaço em todos os países. No Brasil, essa discussão toma uma dimensão que vai além da inserção dos alunos com deficiências, pois eles não são os únicos excluídos do processo educacional.

O sistema regular de ensino tem demonstrado uma deficiência no que diz respeito à educação inclusiva. A escola consegue incluir apenas aqueles que se adaptam a um sistema que atende o aluno com bom desenvolvimento psicolingüístico, motivado, sem problemas de aprendizagem e oriundo de um ambiente sócio-familiar que lhe proporciona estimulação adequada.

Além disso, há um número cada vez maior de alunos que, por motivos diversos, como problemas sociais, culturais, psicológicos e/ou de aprendizagem, fracassam na escola.

Como vimos anteriormente, a ciência, em particular as teorias de desenvolvimento e aprendizagem, estabelece um padrão de normalidade em que as teorias pedagógicas se apóiam estabelecendo uma metodologia de ensino "universal", comum a todas as épocas e a todas as culturas.

Assim, acreditou-se por muito tempo que havia um processo de ensino-aprendizagem "normal" e "saudável" para todos os sujeitos. Em conseqüência, aqueles que por ventura apresentassem algum tipo de dificuldade, distúrbio ou deficiência eram considerados "anormais" e denominados de "alunos especiais" e portanto excluídos do sistema regular de ensino.

IMPORTANTE

A partir dessa concepção de normalidade, passou-se a ter dois tipos de processos de ensino-aprendizagem: o "normal" e o "especial".

Para o primeiro caso, os educadores seriam formados para lidarem com os alunos "normais" que seguem o padrão de aprendizagem para o qual eles foram preparados durante o seu curso de formação.

No segundo caso, os alunos com dificuldades ou distúrbios de aprendizagem, que precisariam de um processo de ensino-aprendizagem diferenciado, não têm educadores que sejam preparados devidamente. Ou seja, a descriminação se inicia no fato de não haver uma discussão em relação ao conhecimento dos diferentes processos de ensino-aprendizagem na formação dos educadores.

Muitas vezes os professores são capazes de diagnosticar um problema do aluno a partir de características gerais de determinadas deficiências, como por exemplo, deficiências visuais, auditivas ou motoras.

No entanto, não são capazes de reconhecer as potencialidades do sujeito que tem uma dessas deficiências. É como se o sujeito desaparecesse e ficasse apenas frente ao educador a deficiência. Com isso o aluno deixa de ser sujeito que continua a se desenvolver e a aprender.

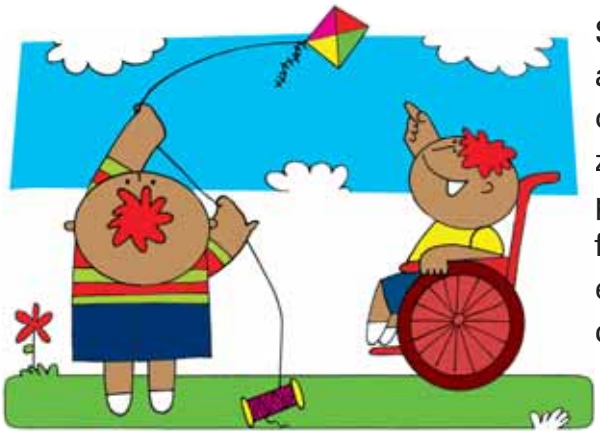
Além disso, o diagnóstico tem servido apenas para dizer o que o aluno não pode fazer. Mas isso não é muito difícil. Uma pessoa que tem dificuldade de enxergar com certeza não vai conseguir ler o que está escrito no quadro ou nos livros.

O desafio para o professor é saber como ensinar a essa pessoa que exige uma fórmula diferenciada do aluno sem dificuldades. O diagnóstico, portanto, serve apenas para limitar a vida do aluno na escola. Também é observado esse fato no ensino regular quando o professor não consegue reinterpretar as dificuldades e as necessidades do aluno no contexto escolar.

Muitas vezes, o professor envia o aluno com dificuldade de aprendizagem para o ensino especial, onde é mantido anos a fio sem que consiga obter resultados significativos.

O educador, no contexto de uma educação inclusiva, precisa ser preparado para lidar com as diferenças, com a singularidade e com a diversidade de todas as crianças e não com um modelo de pensamento comum a todas elas. Cabe a ele observar criteriosamente as necessidades de todos.

Essa observação deve ser feita a partir do diálogo com o aluno. Só podemos conhecer bem o outro se estivermos o mais próximo dele para perceber a melhor maneira de intervir. Muitas vezes ao querer ajudar, acabamos por decidir qual a sua necessidade e o que é melhor para ele. Mas nem sempre acertamos.



Sendo assim, é importante ajustar, junto com o aluno, os processos de aprendizagem de modo a lhe proporcionar um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sócio-cultural.

Vamos pensar um pouco a sua realidade. A sua escola tem um projeto de inclusão? O que você acha da inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino dito regular?

Trabalho em escolas inclusivas e me solidarizo com a angústia dos educadores frente ao seu despreparo para lidar com os alunos com necessidades especiais. Muitos educadores ficam imobilizados em relação a esses alunos por pena da situação em que eles se encontram. Mas ter pena não ajuda muito, não é mesmo?

Outros acham que esses alunos já têm tantas dificuldades que o melhor seria eles ficarem em casa ou em qualquer outro lugar que não exigisse muito esforço deles. E você, o que acha disso tudo? Escreva sua opinião no seu memorial.

Sabemos que a segregação social e a marginalização dos indivíduos com deficiências têm raízes históricas. Há muito tempo, quem se ocupava desses indivíduos eram as instituições religiosas com fins de caridade. Tempos depois é que o Estado toma para si a responsabilidade da saúde pública. Mas, foi só depois de muita discussão que a questão da inclusão tornou-se problema da escolarização.

Com isso, temos de entender que a inclusão não é apenas um problema de políticas públicas. Deve-se envolver toda a sociedade principalmente nas representações que ela tem sobre o aluno com deficiência e como elas determinam o tipo de relação que se estabelece com o aluno.

É por meio da inclusão que devolveremos um trabalho de equiparação de oportunidades. Isso significa preparar a sociedade para adaptar-se aos diferentes e permitir aos sujeitos com necessidades especiais de preparar-se para assumir seus papéis na sociedade.

IMPORTANTE

Podemos concluir ressaltando a necessidade de uma formação adequada a todos os educadores para se obter sucesso na inclusão. É preciso adotar um processo de inserção progressiva para que educadores e alunos com necessidades especiais encontrem a melhor maneira de superar obstáculos.

As soluções para os desafios da inclusão só vão ser encontradas se nos depararmos com os problemas e buscar resolvê-los. É interessante pensarmos que foi uma pessoa com deficiência visual que criou o sistema de escrita **Braille** ou que foi um deficiente auditivo que inventou a **linguagem de sinais.**

A inclusão não consiste apenas colocar alunos com necessidades especiais junto aos demais alunos, nem na negação dos serviços especializados. A inclusão implica uma reorganização do sistema educacional, o que acarreta uma mudança de formação dos educadores e uma revisão de antigas concepções de educação.

Tudo isso pode possibilitar o desenvolvimento cognitivo, cultural e social dos alunos respeitando diferenças e atendendo às suas necessidades especiais.

Braille é um sistema de leitura com o tato para cegos inventado pelo francês Louis Braille, que perdeu a visão aos três anos. O sistema é um alfabeto convencional cujos caracteres se indicam por pontos em relevo, o deficiente visual distingue por meio do tato.

Conheça a linguagem de sinais no endereço eletrônico www.ines.org.br/libras/index.htm

"A educação inclusiva, apesar de encontrar, ainda, sérias resistências (legítimas ou preconceituosas) por parte de muitos educadores, constitui, sem dúvida, uma proposta que busca resgatar valores sociais fundamentais, condizentes com a igualdade de direitos e de oportunidades para todos". GLAT; NOGUEIRA

PRATIQUE

Como tarefa, proponho que você faça uma visita a uma escola inclusiva e observe como os educadores dessa escola trabalham com os alunos com necessidades especiais. Preste atenção como esses alunos se relacionam com os outros alunos. Como é incentivado, ou não, as interações em sala de aula com os colegas e com os professores. Anote, no seu memorial, todas as suas percepções dessa situação.

5.3 Relações interpessoais e gestão democrática

Chegamos à última seção do nosso módulo. Nela vamos conversar sobre as relações interpessoais na escola visando à construção de uma gestão democrática.

Nossa conversa estará pautada pelas contribuições de tudo que discutimos anteriormente sobre as relações entre a psicologia e a educação e as relações entre todas as pessoas que fazem parte do cenário da escola. Vamos repensar essas relações refletindo sobre as possíveis transformações na escola.

A gestão democrática parte da idéia de uma escola para todos, onde realmente sejam possíveis o acesso e a permanência do aluno, assim como garantir a qualidade na educação.

Para tal, é preciso a elaboração de um Projeto Político-Pedagógico que vise à superação das contradições existentes em nossa sociedade e que promova o desenvolvimento de uma nova consciência social e de novas relações entre os homens, numa perspectiva mais humanista.

Uma proposta como essa precisa da participação de todos que fazem parte do contexto escolar. Então, você, funcionária ou funcionário da escola pública, tem um compromisso

que vai além da sua qualificação nas áreas propostas nesse curso, você tem também o compromisso de participar das mudanças sociais para garantir uma gestão democrática na escola.

IMPORTANTE

Também temos de contar com a participação de toda a comunidade para que se envolva conscientemente nessa construção de uma escola democrática, admitindo que essa proposta só será viável com o empenho de cada um envolvido no processo educacional, em especial o educador.

Para isso é necessário dar uma atenção especial à sua formação para que você possa realmente se envolver com as mudanças necessárias para a implantação da gestão democrática.

Quando falamos da comunidade, estamos inserindo principalmente a família dos alunos no contexto escolar. Então vamos pensar! Você acha que os pais dos alunos da sua escola estão satisfeitos com a articulação atualmente existente entre a escola e eles?

Para responder a essa questão, gostaria de propor que você fizesse um levantamento sobre a participação das famílias na sua escola. Procure saber qual o interesse dos pais em relação ao que acontece no cotidiano escolar do seu filho.

Como eles acham que poderiam participar do dia-a-dia da escola? E você, o que acha da participação dos pais na escola? O que fazer para ajudar a melhorar essa articulação? Pense em alguma estratégia para isso. Não se esqueça de fazer suas anotações no seu memorial!

Em relação à psicologia, penso que ela só pode contribuir com essa proposta, se tiver o compromisso social voltado para a transformação da sociedade. Isso porque o que queremos é uma sociedade justa e igualitária, na qual todos tenham acesso à riqueza da produção humana, material e espiritual e onde todos possam viver com dignidade.

A psicologia que queremos deve ser capaz de responder às

demandas sociais com esse critério de transformação social e que represente uma possibilidade para todos de emancipação e de superação da desigualdade.

O que realmente deve alterar nessa nova proposta de gestão democrática é o modo de legitimação do poder político, superando-se a distância existente entre planejamento e execução das políticas educacionais.

É necessário desenvolver no contexto escolar relações interpessoais que permitam uma integração das diversas áreas do conhecimento e das diferentes funções de cada membro da escola, reconhecendo a necessidade de superação da fragmentação do saber e dos fazeres, característica da escola tradicional.

A construção de uma proposta pedagógica transformadora somente será possível a partir do questionamento da realidade existente e não apenas de sua negação. É preciso questionar essa realidade para apontar mecanismos de superá-la estimulando a pluralidade de experiências e de concepções pedagógicas.

O currículo, nessa visão, deve ser concebido a partir da compreensão de educação como prática social transformadora, baseado na visão de um ser humano ativo, cujo pensamento é construído em um ambiente histórico e social. Para tal, faz-se necessária a participação de todos na formulação dos objetivos desse currículo.

Nessa elaboração de um novo currículo, surge uma nova perspectiva de avaliação de todas as ações, que deve ser a mais abrangente possível, levando-se em consideração o conhecimento do comportamento e atitudes dos alunos também fora da sala de aula.

É aí que surge a necessidade de se reconhecer a todos na escola como educadores. Muitas vezes, o secretário, a porteira ou a merendeira conhecem melhor as motivações e as dificuldades dos alunos do que os professores.

O que você acha disso? Será que você lembra de alguma situação em que você percebeu conhecer mais um aluno do que um professor? Tente escrever no seu memorial um fato que possa ilustrar essa situação.

Observe os seguintes comentários de educadores da escola:

Uma secretária da escola, certa vez, disse o seguinte: *o aluno quer que a gente saiba o nome dele. Tem professor que não sabe nome de aluno. Quando o professor está distante do aluno, ele fica apático. A aproximação é fundamental*.

Em outra escola, a assistente de direção comentou: *quando o professor considera a realidade do aluno e considera ele como 'pessoa', com suas particularidades, o aluno passa a ter respeito pelo profissional e a confiar nele para ajudá-lo no seu aprendizado*.

O porteiro de uma escola disse que: *os alunos me procuram de vez em quando para conversar sobre seus problemas pessoais e físicos. Acho que é porque a gente 'é de igual para igual'. Eu coloco limites para os alunos porque 'eles precisam, pedem limites'*.

Uma porteira contou o seguinte: *eu me dou muito bem com os alunos, eles me chamam de tia. Acho que o meu exemplo de vir trabalhar todo dia incentiva os meninos a fazerem a mesma coisa. Eu acho errado um funcionário tratar mal um aluno e não ter paciência com ele*.

O que você achou desses relatos? Escreva um pequeno comentário sobre o exposto no seu memorial.

Uma proposta de gestão democrática tem de levar em consideração todas essas vivências. Ela passa a ser revolucionária e não reformista na medida em que realmente possibilitar a contribuição de todos e será dessa maneira que poderá levar as transformações para a sociedade como um todo.

A intenção é construir uma escola mais humanizada, onde alunos, professores, funcionários e direção, cientes de suas capa-

cidades e criatividade, sintam-se participantes e responsáveis pela coisa pública e pela construção de uma nova sociedade. Para tal, é preciso trabalhar com o coletivo.

Nessa proposta, as atividades valorizadas são as de cooperação em vez da competição. A busca está sempre em criar espaços de debate, de diálogo fundado na reflexão coletiva. O Projeto Político-Pedagógico deve ter como objetivo a organização do trabalho educacional na sua globalidade.

Isso significa resgatar a escola como espaço público, como lugar de debate, de diálogo fundado na reflexão crítica coletiva. Uma luta pela participação de todos frente aos desafios das mais diversas ordens sociais, políticas e econômicas, preconizando um futuro que, ao invés de pré-concebido, pré-determinado, está sempre em construção.

Como dissemos anteriormente, a participação da comunidade deve acontecer de forma efetiva, por meio de atividades que levem pais, alunos, professores e funcionários a perceberem que podem vir à escola para falar, expressar, opinar e não apenas para ouvir e perguntar.

Assim sua participação fica cada vez maior e mais expressiva na comunidade em relação ao projeto da escola. Também é importante que se dê espaço para as atividades lúdicas, já que a brincadeira é uma atividade que faz parte do ser humano.

A brincadeira possibilita uma forma de aprender e dar significado à realidade das pessoas e desenvolve diferentes habilidades que ajudam na formação da personalidade, organizando as relações pessoais com os objetos, com os espaços vividos e com as outras pessoas.

É importante enfatizar que um dos objetivos deste curso é o de preparar, você, funcionário de escola pública, para poder participar, com os outros educadores da escola, dos conselhos escolares.

Devemos romper com o silêncio, a subserviência e o imobilismo que as relações de hierarquia do poder pelo suposto saber determinavam no contexto da educação.

Espero que este módulo, junto com os demais, possa contribuir de alguma forma para a formação de novas relações interpessoais, que visem à construção de uma escola democrática.

Foi um imenso prazer estabelecer diálogo com você. Aguardo uma outra oportunidade. Desejo muito sucesso a você neste curso!

Muito obrigada e até breve,

Regina Pedroza

rpedroza@unb.br

IMPORTANTE

REFERÊNCIAS

AQUINO, J.G. *Indisciplina na escola*: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L.T. *Psicologias:* uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

CARRAHER, T.N.; SCHLIEMANN, A.D. Na vida dez, na escola zero: os contextos culturais do fracasso escolar – uma questão social. *Cadernos de Pesquisa*. n. 45, p. 3-19, 1982.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

COLE, M.; COLE, S. *O desenvolvimento da criança e do adolescente.* Porto Alegre: Artmed, 2003.

COLL, C. Palácios, J.; MARCHESI, A. (orgs.). *Desenvolvimento psicológico e Educação: Psicologia da Educação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. v. 2.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1976.

FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis.* São Paulo: Unesp, 2001.

GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. de L. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. Revista Integração. vol. 24, ano 14; Brasília: MEC/SEESP, 2002.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia.* São Paulo: Forense, 2003.

PEDROZA, R.L.S. *Freud e Wallon:* contribuições da psicanálise e da psicologia para a educação. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 1993.

PEDROZA, R.L.S. *A psicologia na formação do professor:* uma pesquisa sobre o desenvolvimento pessoal de professores do ensino fundamental. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2003.

TUNES, E.; Rangel, R.B.; SOUZA, J. Sobre a deficiência mental. *Revista Integração.* MEC/Brasília, Ano 4, n. 10, p. 10-12, 1992.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. *Objectivos e métodos da psicologia.* Lisboa: Estampa, 1975.

WALLON, H. *Psicologia e educação da criança.* Lisboa: Estampa, 1979.